

# Summario

- A reforma da Escola Normal  
Escolas Normaes da Bahia  
A Poesia da Vida — Iveta Ribeiro  
A lingua tupy-guarany — Barbosa Rodrigues  
Sciencia e Poesia — Lindolpho Xavier  
Da pratica da pedagogia na E. de Applicação — Joaquina Daltro  
Hygiene escolar — Luna Freire.  
Das bases da arte moderna — Ronald de Carvalho  
A arte na habitação moderna — Octavio Ribeiro da Cunha  
Duas palavras sobre o feminismo — Tobias Moscoso  
A dança — Angela Vargas Barbosa Vianna  
O califa e o plantador octogenario — Latino Coelho  
Amaveis leitoras — Jeannette Didereau  
Lingua pratica — Alumna Nahyde de Anchieta  
Bibliographia  
Varias Noticias

ANNO II JULHO — AGOSTO N. 16  
1925



# A Escola Normal

## Revista de Educação

# A ESCOLA NORMAL

## PUBLICAÇÃO MENSAL EXPEDIENTE

Orgão dos Corpos docentes e discentes da Escola Normal  
do Districto Federal e de suas congengeres nos Estados

### REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Haddock Lobo 8 — Tel Villa 4341

Assignatura annual para todo o Brasil	20\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000
Numero atrazado . . . . .	3\$000

TODAS AS ASSIGNATURAS TERMINAM EM MARÇO

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAES

Representantes junto ás Escolas Normaes nos Estados

CAPITAL — Maestro João Gomes Junior  
Professor da Escola

BRAZ — Alarico Boreli  
Amanuense da Escola

PIRASSUNUNGA — Prof. Mello Ayres  
Cathedratico da Escola

PIRACICABA — Prof. Joaquim Antonio do Canto  
Director do Grupo Escolar

S. CARLOS — Dr. Domingos de Vilhena  
Cathedratico da Escola

#### E. DO RIO

NICTHEROY — Prof. Evangelina A. de Azevedo Cruz  
Cathedratico da Escola

#### ESPIRITO SANTO

ESCOLA NORMAL DE VICTORIA — D. Maria Stella  
de Novaes.

Professora de Sciencias Physicas e Naturaes

#### BAHIA

CAPITAL — Dr. Antonio Augusto Machado  
Cathedratico da Escola

#### PERNAMBUCO

ESCOLA NORMAL DE RECIFE — Prof. Eustorgio  
Wanderley.

Cathedratico da Escola

#### AGENTES:

ARARAQUARA — Dourival Alves  
Prefeitura Municipal

# A Escola Normal

## REVISTA DE EDUCAÇÃO

DIRECTOR :

**Dr. Barboza Vianna**

Prof. Cathedrico da Escola Normal e da Fac. de Medicina

SECRETARIA :

**Zenaide Guerreiro**

Professora pela Escola Normal

RIO DE JANEIRO

---

---

## A reforma da Escola Normal

---

---

Acha-se novamente em discussão no Conselho Municipal, o projecto de remodelação do principal instituto de ensino da Prefeitura.

A divisão do curso em dois periodos, um 'geral, outro profissional para o magisterio, não resolve, a nosso vêr, o angustioso problema do ensino no Districto Federal.

Possuindo a nossa capital 1.550.969 habitantes, segundo o ultimo calculo da Inspectoria de Demographia Sanitaria, com cerca de 200 mil crianças em idade escolar, necessitamos de, pelo menos, 1.000 escolas, quando temos apenas 300.

Este milhar de escolas, requer, pelo menos, 6 mil professoras, numero cinco vezes maior do que o existente. Estas professoras hão de, necessariamente, sahir da Escola Normal ou das Escolas Normaes.

Não sendo de bõa regra, a garantia de logar no magisterio, a todas as moças diplomadas, pois entre estas existem muitas negações pedagogicas, só o concurso, após um estagio de interinidade, poderia resolver, a serio, o problema.

Para isso, haveria necessidade de um grande nucleo de professoras diplomadas, o que se obteria facilmente pela multiplicação das Escolas Normaes. O Rio de Janeiro, com uma área de 1.116 kilometros quadrados, possuindo como actualmente, uma só Escola Normal, exclue, automaticamente da carreira professoral, innumeradas moças das mais distinctas, verdadeiras vocações para o ensino que têm a desdita de terem completado o seu curso primario, por terem ahí a sua residencia, em escolas de Campo Grande, Irajá, Jacarépaguá e outros districtos escolares situados *no fim do mundo...*

Se o sol quando nasce é para todos, não vemos razão para que o Phebo carioca, não illumine o espirito de todos os cidadãos do Districto Federal.

A disseminação de escolas normaes pelos varios districtos escolares, aliás, facil de ser feita, como já propuzemos, pela transformação dos cursos complementares, resolveria facilmente o problema.

Porque os intendentes do 2º Districto não estudam este caso, antes de darem

# Escolas Normaes da Bahia



Directora, Professores e pessoal administrativo do Educandario dos Perdões

# A poesia da vida

(CONFERENCIA NO CURSO ANGELA VARGAS)

IVETA RIBEIRO

Minhas senhoras...

Senhores.

Accedendo ao convite, tão altamente honroso para mim, para vir enfileirar-me junto daquelles que tanto brilho têm dado ás artisticas e encantadoras "horas" de arte do Curso Angela Vargas, tive apenas um objectivo, qual o de variar um pouco estes entretinimentos espirituaes a que já se habituou tão selecta concurrencia. Diz um velho dictado popular que "tudo o que é demasiado, cança, mesmo o que é bom".

Ora, assim sendo em verdade, porque o conceito do povo nunca erra, é justo que já se faça sentir aqui, neste verdadeiro templo de arte, o natural canção de ouvir sempre producções boas e melhores interpretes dessas producções poeticas e literarias. Pensando nisso é que resolvi acceitar o convite que me fez Angela Vargas, pois só dessa fôrma poderia ser quebrada a magnifica successão de "horas" literarias, e os vossos espiritos respirarem um pouco fóra do habitual ambiente de arte requintada que aqui sempre tem existido.

— E' uma variante necessaria, pensei, — e assim não hesitei em vir aqui, falar para as vossas almas tão requintadamente cultas.

Para aquelles que se devotam á musica e se põem, pelo estudo e pela vocação, em condição de poder penetrar nos seus mais reconditos segredos; para aquelles que vivem embebidos de sonoridades, com a alma envolta em harmonias divinamente rythimadas, e que sabem comprehender todas as subtilizas melodicadas da sagrada arte de Mozart e de Bethoven; para aquelles que vivem no mundo musical onde só ingressam os grandes iniciados da Harmonia, ás vezes, a musica simples, ingenua; a musica instinctiva de um pobre musico anonymo e ambulante, tem encantos, singulares!! E' que o turbilhão magnificante das orchestrações primorosas, por vezes, lhes aturde a sensibilidade artistica. Ha como que uma fadiga quasi divina e a alma do musicista apaixonado sente a necessidade de se envolver em sons mais suaves... mais serenos... E' então que elle sente o doce encanto da outra musica, que ninguem gravou nem orchestrou e que foi composta naturalmente, instinctivamente, por uma alma simples que nada sabe de arte..., que não tem cultura nem escola, mas que sabe apenas sentir e traduzir em harmonias ingenuamente doces os sentimentos que a fazem vibrar...

Então o refinado apreciador das grandes obras musicaes; o habitual frequentador das operas lyricas; o exigente julgador dos portentosos "concertos musicaes" encontra, sem querer, um certo prazer, em parar, disfarçadamente, a uma esquina, para ouvir, commovido e deliciosamente satisfeito, os gemidos harmoniosos de um violino triste, vibrando com a alma anonyma do pobre cego, que arranca do instrumento verdadeiros hymnos de sentimento e de harmonia!...

Para aquelles, em cuja alma, a arte magnifica da Cór, desperta enthusiasmos e fanatismos; para aquelles que costumam os olhos á contemplação das télas maravilhosas que sagraram e immortalizaram nomes e personalidades; para aquelles que se animam a grandes e penosas travessias só para conquistarem o goso de visitar os museus celebres onde se eternizam as mais primorosas obras de pintura e que chegam a dar verdadeiras fortunas por quadros admiraveis, tal é o refinamento artistico

a que attingiram; para aquelles que passam longas horas, extasiados, a contemplar, esquecidos do mundo, um retangulo de tela onde mestre da arte, prendeu uma pay-sagem primorosa ou uma figura perfeita, ás vezes, ha a nostalgia de uma arte diferente, muito mais sentida do que aquella... uma arte rude e simples, sem technicas nem theorias... uma arte anonyma, e, sem querer, seus olhos sentem-se bem, como que repousados, olhando um vulgar desenho de creança, traçado com mão incerta..

Um pobre desenho profundamente ingenuo onde não ha suggestões de mestres, mas apenas suggestões de alma rude a guiar a mão inexperiente que o traçou... Não tem coloridos perfeitos nem exigencias de escolas... tem apenas um pouco de verdade... um pouco de sentimento natural e muito de simplicidade...

Para aquelles que amam a arte dramatica e em cujo instincto artistico a exigencia se implantou soberana e que já não podem acceitar senão artistas geniaes, celebri-dades mundiaes que se cobriram de louros e glórias nas ribaltas dos mais civilizados paizes; para aquelles que só julgam artistas dignos da apreciação os vultos da categoria da Divina Duse ou do grande Novelli, nasce, ás vezes, uma sensação indefinivel de canção emocional, e, sem querer, encontram prazer em assistir ao trabalho de um anonymo comediante, em occasional espectáculo de arrabalde. O ambiente é modesto; o theatro, um vulgarissimo club suburbano; a peça — um ingenuo arremedo de comedia, a platéa — um agrupamento polychromo de familias de operarios e trabalha-dores...

Mas o improvisado actor, sem conhecimentos de arte methodizada "sente" a natureza do papel que lhe coube a desempenhar e, instinctivamente compenetrado delle, diz verdadeiramente, sem artificios nem conveniencias e consegue, sem querer nem pensar, transmittir ao requintado espectador que accidentalmente o aprecia, toda a emotividade de sua alma, toda a pujança dos seus sentimentos reaes.

E o espectador occasional, sem querer, ri e chora com o ingenuo artista, sentindo a influencia inexplicavel daquella arte rudimentar, mas sincera.

Foi depois destas considerações, feitas commigo mesma, que acceitei o convite de Angela Vargas e aqui estou deante de vós. E' que eu sou, acreditae-me, como o musico anonymo e ambulante que não conhece a pauta musical e só sabe compôr as melodias simples que lhe nascem n'alma; como o desenhador incipiente que não conhece leis de perspectiva nem de desenho anatomico ou decorativo mas que traça apenas, com a mão livre, n'uma tela improvisada, grotescas caricaturas ingenuas... impressões rudimentares de figuras e paysagens... como o canhestro comediante, des-dobramento do operario rude, que interpreta, como sente, os grandes dramas da vida no grande palco do mundo!...

Assim, prevenidos, não podereis esperar uma daquellas "horas" tão espiritalmente artisticas que aqui estaes habituados a passar. Será a derivante de que vos fallei ha pouco: uma hora que fará ter saudades das já passadas e que despertará desejos das que virão depois... Nem mesmo será uma "hora" porque muito breve será o vosso sacrificio. Até nem será uma variante. Em vez de "hora"... apenas um quarto da dita...

Para thema desta modestissima palestra escolhi um assumpto que, na verdade, offerece larga margem e dissertações, porém essa margem, por falta de competencia, fica por hoje reduzida ao minimo de suas proporções. Quero fallar-vos ligeiramente sobre a **Poesia da Vida** e estou certa de que pensareis commigo no julgamento de que ella existe através de tudo o que ha sobre a terra.

Poesia da vida!... Ella nos cerca por toda a parte; reside em nós; mora nas nossas almas; floresce nos nossos corações... Poesia da vida... deixa-me dizer, de leve, de mansinho, como te percebo; como te vejo; como te canto; e como te sinto!....

Primeiro na natureza, neste incommensuravel mundo que habitamos, a poesia se expande por todas as fórmulas; serena e tranquillã; esplendida e grandiosa; mystica ou revoltada; em odes arrebatadores ou em quadras simples, em poemas suggestivos ou em villacetes mimosos...

Ella é triumphal e magnifica quando dá belleza e vida á secular floresta gigantesca, emprestando brilho á massa verde-negra das frondes compactas; cantando no rumorejar do vento a abanar os altos cocares das palmeiras senhoriaes que se erguem, altaneiras e firmes, no meio das selvas como guardas attentos á defesa dos grandes thesouros de verdura! Ella é triumphal e magnifica dentro das sombras perfumadas dessas florestas mysteriosas onde habita, tanto a féra brava, como a ave gracil e saltitante! E' ella quem tece os ninhos — santuarios de amor, no seio verde dessas selvas, e quem faz desabrochar a flor sylvestre que é o sorriso dessa natureza esplendorosa e bravia!

Sorriso perfumado e simples como o da creança que mal desperta para a vida!... Ella é a musica suggestiva das grandes cachoeiras magestosas a se despenharem do alto das montanhas em catadupas argenteas que refulgem á luz do sol! Ella é o murmúrio das fontes que nascem no reoncavo da matta e percorre, serena e mansa, grandes distancias a levar frescura e seiva ás pujantes raizes dos robustos titans de mil braços verdejantes! Ella é o voltear caprichoso das farandulas de borboletas que percorrem, doudejantes, as clareiras batidas pela luz clara do meio dia... Borboletas multicores... irisadas... leves e finas, como se fossem petalas de flores esvoaçantes arrancadas pela brisa e pela brisa arrebatadas!

Ella é o gorgeio dulcissimo da ave quando desprende o canto suave empoleirado no mais alto ramo da mais robusta arvore!... Canto de harmonia inegualavel, cheio de um rythmo tão natural e tão sublime, que não tem igual sobre a terra! E' o traço invisivel que a aza delinea no espaço, cortando o ar macio da selva; riscando arabescos caprichosos no ambiente perfumado pelos mil odores da matta selvagem... E' o grito estridente da Araponga — sino vivente dessa enorme cathedral de verdura — a vibrar, possante e festivo, despertando os échos adormecidos dos abysmos... E' mesmo o rugido cavernoso da féra brava quando teme ver violado o seu sagrado direito de Rei e Senhor dos seus dominios... E' o brado selvagem do gentio quando presente o inimigo de sua tranquillidade paradisiaca!... E' a orchastração extraordinaria de todos os rumores da floresta onde o canto da ave se casa harmoniosamente ao rugido da panthéra; o murmúrio da fonte ao cíciar estridulo das cigarras; o silvo subtil da cobra ao chiar manso das pombas acasaladas; o canto estrondoso das cachoeiras ao zumbido sonoro dos insectos!...

Divina harmonia!... Esplendida harmonia!...

A poesia da vida, dentro da natureza, se revela ainda na estupenda belleza desse grande poema que se chama o Mar!...

O grande mar enigmatico, creador de lendas e de mysterios!... O grande mar, avaro poderoso que sabe guardar, zeloso e altivo, fabulosos thesouros no seu seio insondavel de gigante inquieto!

O mar!... Immorredouro poema de grandeza que só o grande Poeta Deus saberia escrever no infinito!... Fonte geradora de tamanhas bellezas, que os poetas da terra não conseguiram ainda descrevel-as todas!... Que os pintores do mundo não conseguiram ainda copiar todos os seus maravilhosos aspectos! Nelle, no grande mar mysterioso, a poesia da vida, da natureza, canta hymnos admiraveis, compõe estrophes de inimitavel dulçor!... Ora, é o cantico tenebroso das ondas revoltadas, açoi-tadas pelo vendaval, a bramir com furor, insultando a calma inalteravel das penedias!... E estala a tormenta! Ruge o vento impetuoso revolvendo o seio verde das aguas violadas e a raiva louca das ondas se desfaz, impotente, em prantos alvos de espumas

na crista altaneira das vagas formidáveis! Ribomba o trovão medonho! Zig-zagueiam no céu ennegrecido os fulgurantes raios candentes e o rugido do mar resôa pelos ares como um fundo gemido de agonia e de revolta! E' a epopéa da dôr em toda sua impressionante belleza e em toda a sua grandeza suggestiva!...

Agora, o mar é manso, sereno, balançando-se docemente ao impulso suave da aragem da madrugada... O dorso enorme mal se encrespa, arrepiado pelo goso subtil da carícia sentida... Cobre-se de scintillações roseas e luminosas ao reflectir os primeiros fulgores do sol que vem nascendo... Desfaz-se em meiguices e ternuras mandando as ondas mansas estender no regaço das praias solitarias o rico frouxel de rendas alvas que as sereias encantadas andaram a tecer em segredo nos seus maravilhosos palacios ignorados... Murmura cadencias de amor no lento e suave marulho das ondas limpidas e enfeita-se — o namorado vaidoso — com a graça fugidia das brancas vellas ligeiras que deslisam, celeres, por sobre a sua superficie movediça e balouçante... Cobre-se depois de lampejos fulvos, recebendo o régio presente de luz que o sol lhe traz dos espaços percorridos... Refulge de brilhos cambiantes, ostentando o sumptuoso cascadear de diamantes luminosos que o astro-rei espalhou na crista iriada de suas ondas graciosas e marulhantes...

E' o poema de Encantamento e de Alegria que desperta em nossas almas um sentimento mixto de emoção e de pasmo, de admiração e de enlevo!

Poesia da vida que nos cerca!... Como tu cantas e empolgas, nesse poema luminoso que encerraste na inquieta pagina azul do mar! Do grande mar mysterioso... Do grande e bello mar feiticeiro, amoroso e vario... Do grande mar — espelho da vida humana onde se reflecte sempre uma grande dôr ou uma grande ventura!...

Dentro da natureza a poesia da vida se inspira ainda na composição das suggestivas paysagens bucolicas, tão cheias de serenidade... tão cheias de doçura e de mysticismo... Ella palpita suavemente nos vastos campos de lavoura onde o arado, rasgando o seio fértil da gléba escura, fez nascer um ondulante oceano de plantações benditas de onde o homem colhe o linho com que se veste e o pão, e o fructo com que se alimenta para a eterna luta... Ella canta no lento caminhar dos grandes bois do carro que vem chiando, n'uma onomatopea característica e simples, pela longa e serpenteante estrada branca ainda não maculada pela graxa dos grandes tractôres modernos... Ella tece hymnos de candura na cantiga ingenua e rude da cabocla sadia, de pés descalços, pelle impregnada de sol e riso franco é flor nos labios carnudos e rubros como fructos sylvestres... No olhar leal e sereno do matuto enamorado quando alonga a vista pela estrada buscando divulgar, ao longe o ranchinho de sapé onde vive a dona do seu coração...

E' a doce emoção dos noivos do sertão quando voltam da capella, mãos enlaçadas, peitos arfantes, enleados e felizes em busca do recanto singelo onde construíram o fragil ninho para o seu amor, viver e morrer com elles... E' a suggestiva harmonia da voz sonora de um sino a vibrar, dolente e triste, quando a tarde morre e a sombra desce sobre a paz dos campos... E' a singeleza augusta de uma toska cruz de madeira, marcando, á beira da estrada batida do sol, o ultimo pouso de um christão humilde que legou á terra o cofre onde viveu sua alma... E' a doçura infinita de uma serenata, ao luar, horas mortas da noite, onde o tanjer das violas se casa á voz possante dos cantadores, vagabundos divinos, que acordam os échos adormecidos com as cantigas de amor que vão compondo... E' o canto do gallo suadando o dia que desponta a illuminar os pincares das montanhas distantes, a accordar os passaros nos ninhos para o gorgueio, e o homem na rêde, para o trabalho... E' a belleza deslumbrante das alvoradas campesinas, onde á luz cantante da manhã a natureza desperta para compôr a grande apothese do Dia!

Ella se expande ainda na planura infinita, do céu. E' translucida e diaphana quando o espaço se mostra azul e liso, sem uma nuvem sequer a manchar de alvôr, a to-



nalidade inimitavel!... Canta hymnos de juventude e alegria quando o céu começa a tingir-se das delicadas cores da madrugada... enrubecendo... corando... como se tivesse um candido pejo do esplendor de sua belleza! E' ella quem compõe essas estupendas symphonias de côres pintando os maravilhosos quadros dos poentes sanguineos, e que maestria demonstra nesse jogo phantastico de cores, nesse esbanjamento nababesco de purpura e de ouro!

Que delicadeza de tonalidades quando vae desfazendo a maravilhosa epopéa de esplendor para compor o delicadissimo poema da tenuidade, diliuindo as cores vivas em levezas inegalaveis... transmudando o que era esplendido em suavidades de sonho... Mudando o rubro purpurino em um roseo desmaiado, laivado de leves tons dourados, de finas sombras azuladas... Como um artifice maravilhoso que se compraz em fazer e desfazer magnificencias artisticas, ella, a grande poesia, desfez o quadro estupendo do poente para pintar a apothese illuminada da noite!...

E dá ao céu, — a sua grande téla, — um tom velludoso de azul escuro... depois accende as luminarias diamantinas das estrellas... depois vae erguendo devagar — muito devagar, a lampada magnifica, lavrada em prata, e com ella innunda a terra de luz e de doçura... e a lua vae subindo... subindo... e os espaços se tornam opalescentes... e o mar se cobre de scintillações prateadas... e a matta se reveste de brancuras ethéreas... e empallidecem as estrellas... até que, atravessada a lucida arcada celeste a lua volta a repousar do seu giro de luz nos braços rosados da aurora.

E' poesia ainda os grossos novellos de nuvens, brancos como flocos de espuma que se vão formando ao longe, na orla do horizonte e que depois se vão avolumando e escurecendo... e que depois se vão approximando mais, crescendo mais até cobrirem por completo a face azul do céu!...

E ella então cria as estrophes épicas das tempestades, rudes e violentas, como revoltas humanas! Põe colorações estranhas nas ameaçadôras nuvens que rolam, enlouquecidas, pela vastidão dos espaços! Desfere o raio que córta o gume phosphorescente de uma adaga a massa negra das nuvens!... E dá livre curso á furia dos ventos... e deixa em convulsões a natureza inteira para depois poder compôr os suavissimos e consoladores versos da Bonança que como um sorriso divino esplende sobre a terra!...

E' o doce encanto de um dia de chuva, brumoso e triste como uma alma que soffre... Como uma fada misericordiosa, ella envolve a terra no humido manto côr de chumbo... adormece-a com o lento cantar das gottas limpidas a bater nas pedras dos caminhos... embebe-a de torpor e de silencio para que ella descance um pouco e possa sonhar tranquillã... E o poema suave da chuva enche a terra de somnolencia e de socego... Tremem as arvores á caricia fria das gottas minusculas que caem sobre as verdes frondes sequiosas e parecem gosar um goso infinitamente doce ao receber o farto manancial de seiva que cae do céu tão de mansinho... e os vegetaes se alegram e mostram essa intima e muda alegria na frescura risonha do verde lavado e brilhante de suas folhas tremulas...

E quanta poesia existe no serpear do rio que como uma longa fita de prata liquida se estende por planicies e por valles?! Ella é o grande ideal desse gigante liquido que corre sem cansar em busca de sua meta sonhada — o mar! E o rio vem de longe, do reconcavo ignorado das serras, vencendo distancias incalculaveis; transpondo todos os obstaculos; saltando por sobre precipicios terriveis; despenhando-se de alturas vertiginosas, até encontrar o oceano e nelle se embrenhar ébrio de alegria! Ora passa, cantando, em macio leito á sombra das florestas que se miram nelle, vaidosas dos seus encantos selvagens; ora, enraivecido, estreita-se, aberta-se, para poder passar entre rochas enromes e no esforço ingente, brame e ruge, espumando, como um tigre que o caçador tenta aprisionar; adiante se espraia, sereno e manso, na extensa campina verde e silenciosa, onde não ha sombras nem obstaculos que lhe

roubem a luz magnífica do sol... mais além depara, attonito, com um precipício profundo! Redemoinha, um momento indeciso, temeroso, mas o seu ideal de grandeza está ainda longe, e elle n'um impeto salta no abysmo, e lá vae, escoachante e cansado na sua carreira ansiosa!

Poesia da vida!... Tu esplendes ainda na magnificencia das grandes cidades, ingente esforço humano onde o trabalho é rei e é divindade! E sabes ahi compôr os grandiosos poemas concretizados nas altas torres gigantescas dos grandes edificios; nas esguias chaminés escuras das enormes officinas; na polychromia do casario unido, vasto, immenso onde se acolhem as multidões trepidantes!

Foste tu quem creou a aza de aço e de seda com que o homem côrta os espaços vencendo as alturas e conquistando ás aves o direito de voar com ellas!

Foste tu que creaste a tumultuante trepidação dos possantes motores que arrastam as locomotivas e os comboios fazendo o homem ter o goso de percorrer distancias e conhecer territorios! Foste tu quem inventou a maravilha desses enormes palacios encantados que em pleno oceano offerecem ao homem os magnificos espetaculos das viagens recreativas e agradaveis! Tu és o rumôr das gigantescas machinas das vastas officinas, — hymno grandioso de trabalho e de energia, hymno de progresso e de vitalidade dos povos! Tu és o borbório das ruas; a architectura magnífica dos palacios; á graça esbelta das pontes; o arrojo titanico dos tunneis que atravessam, devassando, as entranhas graníticas das montanhas; a força petréea dos cães, contendo as ansias dos mares insubmissos; a belleza repousante dos vastos jardins caprichosos; a suggestiva graça das estatuas de ornamento, o épico esplendor dos grandes monumentos! E's a vida das grandes cidades imprimindo em tudo, o teu cunho soberbo de creadora de grandezas!

Poesia da vida que nos cerca... Desdobramento da poesia que em nós palpita e vibra... Poesia da nossa vida...

Em cada creatura tu escreves um poema differente, desigual, mas sempre um poema, delicado ou forte... alegre ou triste... sempre um poema!...

Se é uma alma feliz, a poesia se manifesta logo ao despontar da vida. O seu primeiro verso se escreve no berço rico, espumante de rendas e de fitas, macio como um ninho e perfumado como uma flor. A creancinha dorme nelle como uma rosada perola no concavo da concha magnífica... Tudo sorri em torço desse berço, leve e fragil.

O Amor e o Carinho voejam em torno d'elle, cuidadosos e attentos. Vae desabrochando aquella flor humana aberta em risos, esplendendo em graças... Infante ainda ella sente a poesia na alegria descuidada dos seus folgares, correndo no relvado verde dos parques, brincando na brancura attrahente das praias... Passa a meninice entre mimos e festas e entra na adolescencia deslumbrado pela belleza da perspectiva que se lhe depara. E começa o doce reinado dos sonhos; dos ideaes romanticos; dos desejos ainda indefinidos; dos anhelos vagos... Mal desperta para a vida aquella alma que mereceu ser feliz, encontra logo o encanto que a vida lhe offerece. Tudo sorri em torno della! E vem depois a aurora dos sentimentos. O Amor se annuncia, ao longe ainda, mas como o sol, illumina, mesmo antes de nascer no horizonte... E são as ansiedades, desconhecidas; os arroubos incontidos; os rubores auroraes que tingem delicadamente a face quasi infantil, até que o Amor, o grande Amor humano e forte se apossa plenamente do coração ainda innocente!

E' o periodo aureo da poesia da vida!

Enche-se a alma de clarões deslumbrantes; em Tubas de prata a Esperança, canta hymnos de ventura! A mocidade esplende em florações luminosas e os sonhos côr de rosa povoam a mente deslumbrada de tanta luz!

Amor! Suprema estrophe do grande e bello poema da vida dos felizes! Encantamento delicioso e bom que embala o coração e o faz palpar suavemente... Amor!

Primoroso e sublime verso do grande poema humano, Amor, só tu, vales o melhor da poesia da vida!

E ella tece a teia luminosa do noivado encantador, cheio de promessas azues e de sonhos dourados. Perfuma de tenues essencias o ambiente fino em que respira a amorosa alma e engrinalda de rosas o portico já proximo que dá accesso á cathedral da Felicidade!... Leva-a, cheia de rubores, e dá-lhes a suprema gloria de ser feliz, alcançando a desejada ventura de realizar um ideal querido!

Gosa depois a graça divina da communhão serena com uma outra alma amorosa e bôa... Vem o poema da Serenidade cantar em torno do ninho onde repousam, o cantico suave que ennebria e embala... E' a creatura feliz, sente a poesia da vida, no esplendor do scenario em que vive, no carinho do companheiro adorado, na satisfação de todos os desejos; no luxo dos vestuarios... em tudo! Vae sentindo-a sempre no decorrer da existencia. E no desdobramento do seu proprio ser, anjinhos louros que vem encher de novos risos o abençoado ninho dos seus amores; é o encanto doce de zelar por elles, de se sentir a aza protectora que aquece e ampara os pequeninos seres; é a suave alegria de os ver crescer, alegres e sadios, fortes e limpos!...

Vem depois a doçura de envelhecer tranquillamente... Sentir a neve dos annos a cair docemente, sobre a propria frente... O apaziguamento lento e doce de todas as ansias; o adormecimento suave de todos os sonhos e um desejo vago de maior serenidade... da verdadeira serenidade... Velhice feliz... Tu és o mais suave cantico da poesia da vida. Neve e brandura... bondade... belleza augusta... Poesia!...

E vem depois o fecho, o final harmonioso daquella vida venturosa... Os olhos que já não se extasiavam mais com as bellezas do mundo porque já se voltaram para as bellezas do céu, cerram-se docemente, como os da creança que adormeceu, sorriundo no regaço maternal... Cobrem de flores frescas e de lagrimas puras o corpo inanimado... e piedosamente o guardam em precioso escriptorio de velludo... e piedosamente, o levam a ultima morada terrena feita de marmores preciosos e brancos... ultima sumptuosidade, remate magnifico de uma existencia de opulencias e grandezas!...

Para essa a poesia da vida foi sempre um limpido cascadear de versos sonoros a comporem um delicioso poema de felicidade e de alegria...

Mas ha as outras... as almas que não podem conhecer a felicidade e para as quaes a poesia da vida é toda repassada de melancholia e toda orvalhada de lagrimas...

Para uma dessas predestinadas ao soffrimento a amargura começa desde o nascimento. Não é o doce encanto do berço macio e rico que a recebe quando chega ao mundo... Nem berço tem, muitas vezes, e aquella delicada flor de carne tenra e rosada, dorme apenas em singelos trapos n'um cantinho do catre materno... Inicia-se o poema sombrio, todo tecido de tristeza e magua... Não é a poesia exuberante que vive no infante que nasceu para a felicidade... E' a poesia triste dos desherdados... A infancia decorre por entre fomes e frios, desconfortada, desejando sempre alguma cousa distante... intangivel... Não tem as grandes relvadas dos parques principescos para correr e folgar... tem as calçadas immundas dos bairros miseraveis para palmilhar, esfarrapado e triste... Nos ingenuos olhos infantis não consegue brilhar a chamma azul de uma alegria innocente porque ha nelles lagrimas que não seccam, sobras amargas que se não apagam...

Na adolescencia não encontra a ventura com o seu cortejo florido de ideaes e sonhos... Mal sae da meninice triste encontra logo desillusões e dores... Vegeta na sombra das officinas ou ao calor dos arduos e pesados mistéres dos humildes... Bem que o Amor lhe mostra de longe quadros de doçura infinita... Não os alcança nunca e se o Amor, por capricho, apossa-se-lhe do coração, é para se coroar de espinhos e florir de maceradas flores sem perfume...

O verso mais lindo da poesia da vida, tem para ella, sonoridades lugubres... E' um fragmento dourado que se cobriu de cinzas negras... Passa a mocidade ra-

pidamente desfeita, desbastada a golpes de sofrimentos... Envelhece depressa como que ansiosa de chegar ao fim... n'um anseio enorme de aniquilamento definitivo.

As neves que lhe vem pousar sobre a fronte são menos alvas do que as que taem nas frentes dos felizes, porque se envolvem das sombras que o sofrimento gera... Na derradeira etapa não cerra os olhos tristes com a mesma doçura e serenidade... Naquelles olhos pavidos bailam visões tristonhas de ir encontrar amarguras mesmo do outro lado da vida... Cerram-se afinal levando gravada na retina já morta a lembrança de tudo o quanto as cercavam no momento derradeiro — a enorme sala lugubre do hospital de caridade... um renque de leitos tristes... gemidos... estenôres — e blasphemias rugindo no ambiente impregnado de sofrimento e de dores... E o corpo, miseravelmente envolvido na encardida mortalha dos indigentes, entre quatro taboas rusticas é atirado no fundo negro do coval dos pobres... Nem uma flor... nem uma lagrima...

E a poesia da vida põe o ponto final no doloroso poema de amarguras que cantou naquelle pobre ente soffredor...

Poesia da vida... Poesia da vida...

Tão varia é a tua fórmula que não é possível a ninguém conhecer-te inteiramente!

Tu existes em tudo, na alegria e na dôr; na paz e na luta; na pobreza e na opulencia, sempre sentida e real, sempre bella e suggestiva...

Poesia da vida... Como és expansiva e vibrante quando redoiras de luz os momentos ditosos que gosamos!... É's tu quem põe nos nossos olhos as maravilhosas lunetas magicas que, quando a alegria canta em nosso coração, nos fazem ver tudo divinamente bello!

Atravez de ti, da magia da tua suggestão é que vemos o céu esplendidamente azul mesmo quando esteja turbada a limpidez de sua face!

É's tu quem enche de risos a nossa bocca como uma taça transbordante, quando a ventura vem morar em nossos corações...

É's tu quem adoça com a ambrosia da resignação os amargos momentos das nossas lutas e desespero... É's tu quem esparge rosas frescas na longa estrada em que caminhamos para suavisar a dureza pedregosa do chão... É's tu quem enxugas os prantos que nos correm pelas faces suavizando a dôr que fez brotar taes pequeninas fontes de amarguras... Poesia da vida! Tu chamas-te Arte e divinisas as creações humanas... É's a Musica que enleva e faz sonhar; a Pintura que eternisa paysagens e figuras!... É's a Dansa, e crêas maravilhas com a harmonia rythmica dos movimentos... É's Esthetica e revestes de belleza tudo que te cerca. É's Literatura e teces com as palavras humana as filigranas preciosas das paginas immortaes. É's Estatuaría e escravisas no marmore as obras divinas da natureza!... É's Belleza porque és acima de tudo a verdadeira Poesia, obra magnifica do **Poeta Unico** que se chama **Deus!**

Na harpa encantada dos nossos sentimentos tu fazes vibrar todas as cordas... Com que delicadeza compões a melodia celeste que se chama — **Amor**... E o cantico festivo da **Esperança!**... E o hymno ardente da **Fé!**... e a lealdade suggestiva e consoladora da **Caridade!**

Foste tu decerto, oh miraculosa fonte de maravilhas, quem creou a palavra — **Saudade** — esse vocabulo dulcissimo, unico que em linguagem humana, traduz esse "agri-doce pungir de acerbo espinho" segundo a definição de um dos teus vassallos... Saudade... amalgama de sentimentos varios, formando um sentimento só, tão transcendente... tão divinamente indescrictivel! Saudade... écho de grandes amores... perfume vago de essencias raras... reflexo fugidio de uma luz distante... sombra intangivel que se sente mais do que se vê porque móra no coração e vive no pensamento...

Poesia da vida! Tu és a **Amizade** e fazes com que no mundo as almas se unam pela afeição mais pura e encontrem o consolo das dôres na communhão affectiva que as torna irmãs... Tu és o **Carinho** e suavizas todas as maguas com o balsamo puro de um gesto captivante e de uma palavra meiga... Tu és **Crença** e pões nas almas o facho luminoso que ás nortea para Deus... E's a doçura mystica da prece... o fervor ardente de duas mãos que se unem, entrelaçando os dedos na postura humilde de quem implora... E's **Bondade** e engrinaldas de rosas ás amarguras da vida, ensinando aos felizes a repartir com os que não o são as alegrias que possuem... E's a **Felicidade** que passa na vida de cada creatura, por um momento ao menos, deixando sempre um rastro luminoso e festivo... E's **Brandura** e perdoas todas as imperfeições humanas...

Poesia da vida!... Foste tu quem inventou o riso, raio de luz divina, que enche de luminosidade a bocca em que pouasa.

Seja no labio candido da creança innocente, ou na bocca exangue de um velho pobre, o riso é sempre um hymno de alegria, uma visão illuminada de felicidade!

E's a doçura silenciosa da lagrima que rola, limpida e crystalina, pela face triste de um soffredor... Gotta transparente e pura que transborda do coração torturado pelo sofrimento... Perola liquifeita arrancada do amago do peito e trazida á superficie do rosto pela mão invisivel da amargura... Tu és a **Alegria** que embriaga e entontece... alegria que aturde e deslumbra... alegria cantante, suggestiva, como o perfume captoso de uma flor encantada que faz esquecer e faz sonhar!...

Tu, feiticeira mysteriosa, suavizas tudo até a propria dôr, a grande dôr humana, e fazes della um cantico divino, cantico feito de harmonias tristes... de prantos e gemidos, mas um cantico sagrado que purifica e eleva... que abençoa e que redime!

Poesia da vida... Como agora, neste momento preciso, te fazer sentir em toda a pujança de teu prestigio! Como triumphalmente cantas nos lindos olhos luminosos destas creaturas moças que me rodeiam e me ouvem!...

Poesia da vida!... Como andam aqui dispersas no ar as particulas douradas dos teus cantôres! Versos que esvoaçam cantando, rindo, chorando, como um bando de aves divinas ebrias do goso de voar! Como palpitas, vivida e magnifica, na alma sonora daquella que me trouxe aqui! Alma que vibra de emoções tamanhas que consegue transmittir igual vibração nas almas que della se approximam!... Alma que se fez tua sacerdotisa... Alma que contigo vibra!... Angela Vargas!

Poesia da vida... Pairam ainda no ambiente os versos lindos que aqui foram ditos... Adejam no ambiente fragmentos de emoções trazidos com esses versos... Ouve... Esse leve rumor agitado... esse surdo e remoto palpitar que escutas é o écho de todos esses corações plenos do encantamento em que os prendestes!... Corações em que os poetas guardam o melhor dos seus sonhos....

Poesia da vida... continua sempre a pôr nas mãos dos illuminados as harpas eólias em que elles tecem as suaves canções que os immortalizam! Faze de cada ser, um poeta que embora não saiba traçar palavras rimadas e candenciadas saiba ao menos, apreciar e se embevecer deante de tua belleza incomparavel!

Poesia da vida! Linda poesia abençoada perdôa aquella que querendo enaltecer-te soube apenas dizer sinceramente, como te percebe... como te vê... como te canta... como te sentel!...

Abençoada sejas, Poesia eterna!... balsamo divino para as grandes dôres... Creadora esplendida de todas as bellezas que nos deslumbra e encanta!...

Poesia da vida!... Sê Bemdicta!

# *A lingua tupy-guarany*

BARBOZA RODRIGUES

(PALESTRA NO CURSO ANGELA VARGAS)

Minhas graciosas Senhoras e meus illustres ouvintes.

Quem vos vae fallar, quem vae palestrar com Vs. Exas. é o mais humilde dos brasileiros, o menor dos jardineiros, o menor dos jardineiros repito, porque eu perambulava pelo jardim das bellas flores, olhando-as, admirando-as, amando-as, quando de subito ouço um cicio avelludado, dulcídico, quente ao meu ouvido, quando pegava na delicadissima haste de uma lindissima flôr de roseiral, impregnada de perfumes suavissimos, e, disse-me, **quero** de si uma palestra para a minha Hora de Primavera.

Um **quero** de uma rosa damascena, não é uma ordem, é um cumprimento immediato desse sublime **quero**, — disse-me ainda e de algo sobre a linguagem selvigena dos Tupys.

Ora, minhas lindas flôres, — ~~lucra~~ me em plantas e na humanidade das selvas, faz em mim um ambiente electrico de vida espiritual, que me metamorphoseia a ideia. Essa graciôsa rosa, — corada, é uma das mais formosas e intellectuaes da elegancia litteraria deste mundo de arte, amphi-theatro mais extraordinario da Terra.

Os gregos davam o nome de Palaistra, hoje Palestra a um amphitheatro publico ou casas apropriadas ou embaixo das graves oliveiras, para conversação reciproca, onde tambem se discutiam, onde se illustravam os moços diante dos seus sabios.

Ora, actualmente, dá-se o nome de palestra a uma reunião onde assistem muitas pessoas, ouvindo sómente um orador, ao qual não se póde fazer perguntas sobre o assumpto.

Eu, são um pouco deste modernismo e desejava que alguns dos meus nobres e illustres ouvintes me perguntassem algo de traducção de algumas palavras do do selvicola tupy.

A linguagem Tupy é a lingua primitiva mais antiga, remonta mesmo dos tempos adamicos, foi a linguagem de Adão e Eva e seus contemporaneos, e ainda é dos nossos.

Syllabica e aglutinante, mas, cada syllaba é de uma expressão tão synthetica, tão perfeita, que não se encontra em linguagem alguma do mundo. Sua pronuncia clara, nitida, sem flexão exaggerada, é correntia, como está sendo o linguajar luso-brasileiro.

Não vou aqui me estender muito porque não quero professar cathedriticamente e nem fazer somno nos lindos olhos das minhas gentis ouvintes.

Dos meus estudos do genero da lingua, já algo tenho dicto em conferencias diversas, tenho explicado controversias sobre palavras que estão correndo mundo nas traducções das historias e geographias do Brasil. Magnatas do saber brasileiro-tupy têm se externado erroneamente sobre estas palavras que considero sentidas pela advinhação sem sentido algum.

Por exemplo, muito se tem discutido sobre as palavras **Carioca**, **Guanabara** e **Niteroy**. Todas as traducções destas palavras estão completamente erradas.

**Carioca**, quer dizer: rua do rio do Matto — Kaá — Matto.hy — rio, oc — rua.

Era a rua que levava a invasor ás nascentes, á Mãe dagua, do hoje Silvestre, e era o rio que trazia a agua que saciava a sêde dos colonisadores e Tupyunikis.

**Guanabara**, nome que intelligentemente o illustrado professor Lindolpho Xavier, propôz em grande assembléa da Sociedade de Geographia, para que fosse mudado o nome desta cidade do Rio de Janeiro, o que desde já digo que foi uma magnifica idéa e espero que daqui saia a aggreiação maior de applausos; — quero dizer, ex-litteris: **Porto seguro**.

**Uénauára**: lugar de embarque verdadeiro de ir e voltar.

Não é extraordinariamente synthetica e linda?

Tomemos a barca **Icarahy** e aportemos a Niteroy: — rio que possui muita desaguada, certamente — é a bahia que sempre teve este nome a que até bem pouco se lia nas cartas desta vasta bahia. Agora é bahia de Guanabara e a cidade da Bahia Grande é Niteroy.

Deram o nome da bahia á cidade e da cidade á bahia.

Falei em **Icarahy**: rio que nasce e se quebra n'agua.

Mais alguns nomes aborigenes desta cidade:

**Itapirú** — se fôr Itápirú é **pedra secca**; se fôr I'tapirú é: lagôa secca, creio que esta é que é a pronuncia e o significado, porque existe a lagoinha de Santa Thereza.

**Paketá**: som que adormece a gente:

**Jurujuba**: rio de muita bocca, de um delta.

**Sapopemba**: (Çápopemba): vara que allumia a morte, é o castiçal, porque a arvore de raizes adventicias, muito salientes, com tres a cinco raizes, formando os pés de um castiçal.

**Bayacú**: o que incha e traga a agua.

**Tatú**: pêlo do corpo que vae e vem.

**Marapicú**: molestia do centro da lingua; é o cancro da lingua. Póde-se traduzir tambem por doença que traga a pelle.

**Sapé**: (Çapé): o que allumia os olhos; sua palha serve para fachos, illuminaturas nas estradas.

**Maruhy**: rio de porção de negro; porque ahí se ajuntavam os negros que vinham do Porto das Caixas trazer o assucar e outros productos da lavoura.

**Marambaya**: cercado de doenças.

**Itaguáhy**: rio que nasce na pedra negra.

**Parahyba**: rio que nasce no céu; por ser muito longo.

**Araruama**: rodeio de cabeças de negro; ou: rodeio de recolher as gentes.

**Jacarépaguá**: cabeça quebrada que sahe dagua — de cabeça pata que mata.

**Minhoca**: o que se esconde na casa.

**Catumby**: lombo de monte.

**Sabiá**: o que alça o corpo e os olhos.

**Andarahy**: rio que não serve de quédia.

**Irajá**: rio que nasce inchado na cabeça. E' a opilação.

**Marangá**: mal de amor. Esta traducção é ex-litteris, não a posso traduzir literalmente por ser um tanto livre.

**Tijuca**: agua de borra negra.

**Inhaúma**: rio que corre muita lama.

**Itapagipe**: Esta palavra, conforme a pronuncia tem tres interpretações. — 1ª Caminho onde está o lodo que atóla quando se nada; — 2ª Lagoa onde morrem as aguas do caminho; — 3ª (onde) acaba mesmo o caminho da pedra.

**Copacabana**: pancada que é mesmo de quebrar a cabeça.

**Sumaré**: (caixa que): colla e impede de morder. São os michondrophobos (Bach. Rev. Ja.) ou os pseudobulbos das orchidaceas do genero Cytogradium, o **rabo de tatú** — do Norte; que contém mucilagem gommosa, que serve para a collagem das

encadernações de livros e das solas de sapatos. Faz-se graxa com ella e mais o pó de sapato. É planta medicinal de alto valor therapeutico.

Servia tambem para amordaçar os escravos na Bahia, os cavallos mordedores, na caça aos jacarés e outros feras bravias, como as onças para as amarrar.

**Sapucaya:** fructo de olho que abre e se desprega com ruido; ou, tambem fructo que quebra e despega o olho; é o tampo ou operculo das lecytheas.

**Brocoyó:** o muito fallador. Isto é o idiota. Como ante pronuncia **Paracoyó:** passagem que detem a agua de rebentar. Porque a onda quando vem furiosa sobre as pedras das ilhas circumvisinhas encontra o espaço entre ella e de Paketá, corre sem se esfaêlar.

**Itacuraçá:** pedra que se olha onde estão as óvas, outra interpretação, conforme a flexão: — Vista da pedra de quebra choques de ondas.

**Jacuécanga,** rio de embarque de cascalhos de ossos; ahi havia um **cambake** ou Sambaquí, donde tiravam ostras para as cáieiras.

**Makahé:** matta de muito buraco.

**Macacú:** molestia que traga o peito; — é a tysica.

**Ararygboia:** chefe de cabeça intelligente de cobra dagua.

**Gragoatá:** negro que nasceu quebrado e caminha. Um côxo.

**Carijó:** chefes primeiro de peito. Eram os homens que já não tinham as cou-raças de combate.

É para não me tornar importuno termino aqui estas interpretações sobre a lingua-gem do selvagem Tupy, que para felicidade nossa está já muito entremeada no dialecto brasileiro, da padragem luzitana — romano-grego-latina .

Até, já, nas demonstraões da grammatica portugueza, estão muitas palavras tupys como exemplo.

Muitas moças brasileiras tem o seu nome tupy.

As Aracy, as Juracy, as Coaracy, as Jupira, etc.

Titulos dos grandes do Imperio cahido tinham seus nomes da lingua primitiva.

Vamos á remota idade, a idade em que Christovão Colombo ainda estava incarnado em outra vida, não sonhava nascer, para cantar factos de heroicidade da primeira mulher branca na America.

Estamos na era do anno 1.010 do Christianismo.

Os precursores de Pinson e de Colombo e da magna caterva partiram da Escandia em vôo, para as regiões da Groelandia e da Vinlandia, Jutlandia chefiados por Erik, o Vermelho.

Andarei agora mas apressado para não me tornar fastidioso.

Um dia, já a colonia prosperando, já reforçada pela sua valentia, entre tantos homens convencionou-se a idéa de irem á Vinlandia para colonisal-a.

São pequenos factos que vou contar ligeiramente para se fixar sobremodo quem introduziu o gado vacum, quem praticou a primeira acção de bravura, e quem praticou primeiramente o divorcio e o nome do primeiro americano.

Foi quando os Normando se estabelecerem na Vinlandia, hoje America no anno 600 da christandade, desde 1011 a 1013, trouxeram mulheres entre si; e a primeira mulher que teve o primeiro filho foi Gudrida, esposa de Thorfinn, o qual tomou o nome de Snorre.

Trouxeram gado vaccum, e um dia um touro se tresmalhou e foi parar no meio dos Skrellings ou esquimós. Foi o bastante para levantar a odiosidade entre os autoctonios e os invasores.

Foi o odio augmentando e as hostes da terra da Parra augmentaram para atacar o acampamento dos normandos e estes por covardia ou medo puzeram um touro



na entrada da palissada contornante a aldeia e no momento do ataque saltaram o mesmo touro que foi debandar os esquimós, e os brancos trancaram-se em casa.

Aqui começa a nova scena, o valor indomavel de uma das mulheres brancas, esposa do chefe da colonia: **Freidiga**. Uma normanda valente e ambiciosa. Sahe esta de sua tenda a gritar para os covardes, seus patricios: "Como, homens de coragem deixai-vos virar as costas a esses guerreiros que vós poderieis matar como feras. Se eu tivesse armas me bater a melhor que qualquer de vós. Elles não quizeram escutar. Ella os seguiu, porém lentamente por causa de seus estado de gravidez adiantado.

Na floresta, ella achou o corpo de Thorbrando, filho de Snorre, que tinha sido assassinado com um pedra na cabeça.

Ao seu lado estava a sua espada.

Quando os Skrellings chegaram perto della, recuaram de pavôr, atiraram-se para as suas embarcações ou carobas e se afastaram rapidamente.

Porque com seu lindo e alvo collo nú, despio de um só golpe os seus rosados seios e os atirou contra os inimigos vermelhos.

Kassefu e seus companheiros louvaram os seus feitos e ella foi pouco sensivel aos seus elogios, e Thovard seu esposo, que já a havia abandonado, perdeu ainda mais no seu espirito.

Em 1011, essa mesma valente mulher, ambicionava o poder de seu marido Thorvard e concebeu uma idéa infernal, foi a de tornar-se a directriz de toda a colonia. E, Frydisa, essa mesma mulher que tantas provas de valentia dera diante os Skrellings, recusou em viajar pela Vinlandia com elles sob a condição de ficar com a metade dos beneficios que dar'a a empreza.

Não quiz ceder as suas tendas ou barracas mas permittiu o seu uso. Pensou elle que poderia precisar dellas? Não era provavel. Rico, honrado, contado pelas Icaldas, desejava repousar pois que tinha o direito aos louros da colonisação, queria descansar seu derrade'ro somno nas suas sombras e gozar de seus perfumes.

Fridisa convencionou com seus irmãos de levarem trinta homens de luta, e, assegurada da batalha, que haveria com os skrellings, supriu a sua coorte com mais cinco equipados de sua frota e apresentou-se mais forte que seus irmãos.

Seus dois irmãos chegados a Seifsbondir, descarregaram sua bagagem, quando chegou a irmã de Leif.

Aqui, outra vez, a sua superioridade entre elles se manifestou.

"Porque lhes disse ella, descarregastes tuas cargas nesta casa? Porque criamos que assim era, responderam, o que foi convenc'onado entre nós.

Nada, foi a mim e não a vós, que Leif emprestou.

Levantando a cabeça, separou-se dos irmãos e fez construir mais embarcações.

Um dia os irmãos organizaram uma festa. Ella os contrariou.

E a estação passou friamente.

Mas, Freydisa, que já estava com o sangue a ferver, não pode supportar mais a vida pacificada e — um dia — levantou sem ruido do leito conjugal, cobre-se com o manto do marido, de pés descalços, pela madrugada, e dirigiu-se á morada dos irmãos. Um dos companheiros tinha sahido e deixou a porta entreaberta. Entrou e ficou estatica a pensar no crime que ia commetter. Finnborge deu com ella e perguntou-lhe: "Que queres, Freydisa?"

"Quero te fallar, levanta-te e vem commigo. Finnborge seguiu-a e sentaram-se sobre um tronco cahido de uma arvore.

"Como te achas neste paiz", perguntou ella. "A fecundidade do sólo, a sua exuberancia, seu clima, tudo me agrada, mas, a questão havida entre nós nos separou sem causa apparente e desgosto".

Pedi-te esta conversa porque quero trocar o meu navio contigo, por que o teu

é maior que o meu". "Nós te cedemos o nosso navio, se assim te apraz. Separam-se depois deste dialogo.

Finnborg deitou-se outra vez. Frydisa volta ao leito conjugal. Ao contato dos pés frios e humidos de Frydisa, seu marido Thorvand, pede-lhe explicações. Respondeu-lhe mal e indignada. "Fui combinar com os irmãos para comprar o seu navio que é maior que o nosso. Mas se encolerisaram, me bateram e me trataram brutalmente. "Mas, chefe, não podes me vingar da injuria, embora seja a ti tambem atingida?

Se não lhes punir, de volta da Groenlandia pedirei o meu divorcio. — Está aqui o primeiro divorcio na America, e é por isso que o vicio pegou nos Estados Unidos e dahi o americano do norte, mudar de mulher como muda de cuécas.

Essa mulher, pela sua audacia tomou conta da colonia, tirando toda a força do chefe-marido, porque este não a vingou de uma supposta infamia praticada pelos seus irmãos.

Seu fim foi acabar miseravelmente com seu marido envelhecido numa caverna longe de seus grandes feitos.

Eis como nasceu o povo tupy.

---



---

## LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & C.<sup>ia</sup>

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

— 166 — Rua do Ouvidor — 166 —

— RIO DE JANEIRO —

End. Telag. ALVESIA — Caixa Postal N. 658

— FILIAES: —

Rua Libero Bádará 129

S. PAULO

Rua da Bahia, 1055

BELLO HORIZONTE

# Lição de Economia Domestica

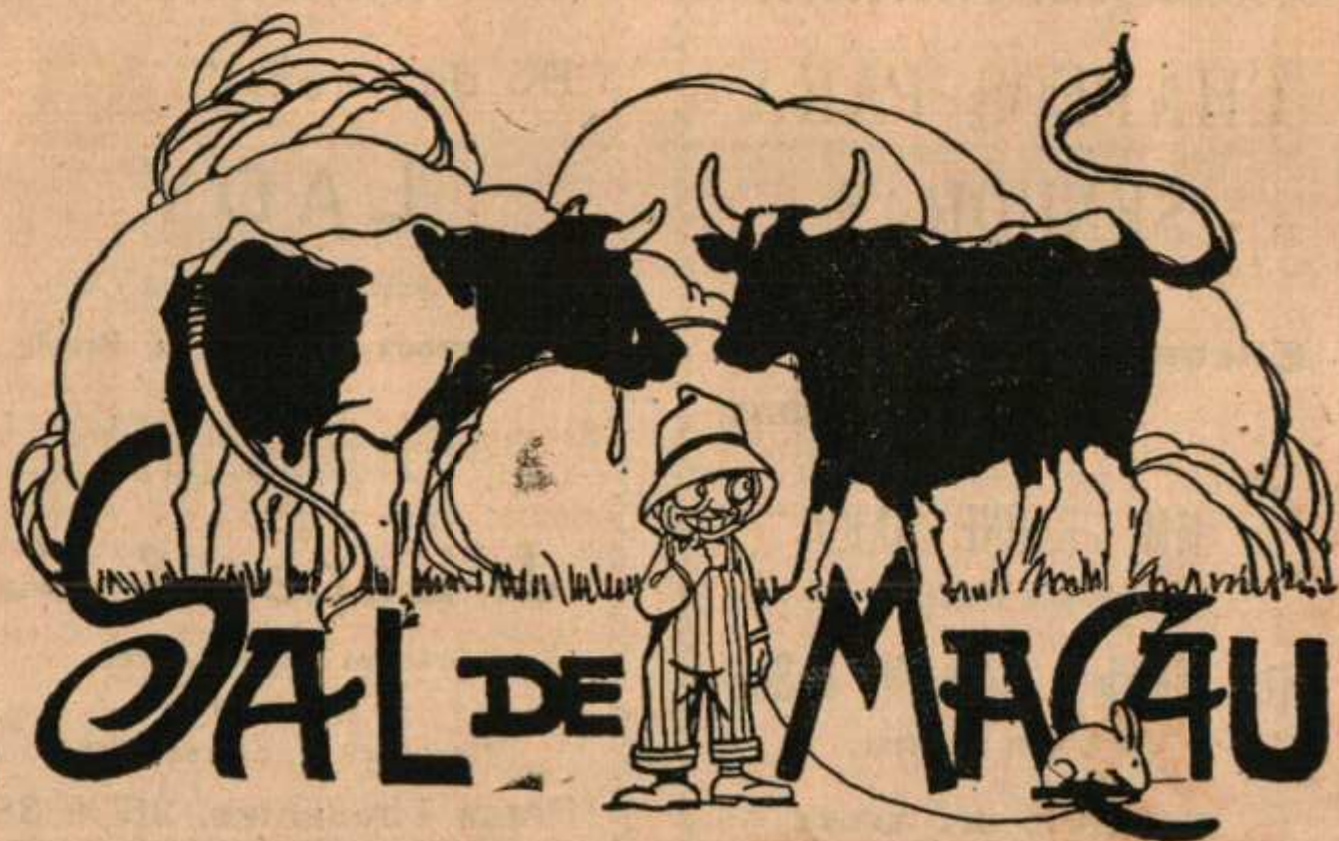
O que todas as moças devem saber

Qual é o melhor sal de cosinha?

deduzamos a resposta

DA

observação do garoto



Olha meu coelhinho si não tomares o "SAL DE MACAU"

ficarás magro como o boi malhado

# TUDO DE GRAÇA

Casa propria, automovel, mobilia,  
piano e enxoval etc., basta com-  
prar um bilhete da

## Loteria do Espirito Santo

que mais vantagens offerece ao  
— — — publico na — — —

# Casa Odeon

Avenida Rio Branco, N. 137  
(Junto ao Cinema Odeon)

RIO DE JANEIRO

# CHAPÉOS PARA SENHORAS

**Encommendas  
e reformas**

**MM. JEANNE BARD**  
Modista Franceza

Rua Haddock Lobo N. 8-Sob.  
por cima da confeitaria

**PHONE N. 4341**

— Aceitam-se alumnas —

# GLY

O melhor Dentrificio

A que mais clarea

A que combate máo halito

Encontrada em toda parte

## Curso Normal de Preparatorios

Rua do Ouvidor N. 15 1.º andar

Tel. Norte 6713 - :: — RIO DE JANEIRO

## GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO

JERONYMO SILVA

Livraria, Papelaria e Encadernação

GILBERTO SILVA

Rua da Conceição, Tel 60 - NICTHROY

## LIBRERIA ESPAÑOLA

SCIENCIA, ARTE E LITERATURA

**Rua 13 de Maio N. 13**

(em frente ao Theatro Municipal)

Pó de arroz

# LADY

E' o melhor e não é o mais caro

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

## J. Lopes & C.

Grandes Exportadores  
de Perfumarias

Nacionaes e Extranjeiras

Praça Tiradentes, 36 e 38  
e Rua Uruguayana N. 44

RIO

# Sciencia e Poesia

(CONFERENCIA DO CURSO ANGELA VARGAS)

LINDOLPHO XAVIER

“Meus senhores.

A sciencia é uma especie de fada protectora, que nos vae guiando atravez da vida.

Aqui é uma ponte, que atravessa um rio; ali é a locomotiva arrastando os vagões; a colá o navio sulcando os mares; mais adiante um jacto d'agua, tirado das fontes longinquoas, para dessedentar as cidades. A' cabeceira do enfermo vela o medico; toma o pulso, administra o reagente chimico — o doente se salva. A terra safãra se transforma em jardim, as flores sylvestres, como a rosa, que era enfezada, se multiplicam e adornam de novos encantos; os pomos de ouro, como a pãra, a maçã, e a uva, que na Asia e na Europa eram sylvestres, tornaram-se as delicias do paladar dos povos. Porque? Foi a agronomia, foi a chimica, que os transformaram. Quem pôz a ponte no rio? A mathematica. Qual o genio que pôz azas na locomotiva e nos transatlanticos? A physica. Quem gu'ou Hypocrates a salvar Lazaro? A Biologia. Quem pôz agua nas cidades? A hydraulica. Quem levou Santos Dumont às nuvens? A aeronautica.

Os jornaes correm o mundo com as noticias da ultima hora. A quem devemos esse milagre? A' mecanica. O cinematographo traz-nos á objectiva o mundo visivel, com a palpação do flagrante. Qual o artifice a quem devemos esse sortilegio? A' cinematica e á chimica. As ondas, os vestidos, as côres 'luxuosas, quem os fabricou? A chimica e a physica.

Poderemos agradecer um dia, convenientemente, a essa deusa que tanto nos protege?

Entretanto, poucos são os louvores que ella recebe. Canta-se a guerra de Troya, a tomada de Jerusalém, a batalha da Pharsolã, mas não se agradece á Minerva as luzes da sabedoria que pôz em nossas cabeças.

Endeõsa-se o Cid, a Napoleão, a Alexandre, mas esquece-se o Apollo que pôz o sol nos nossos ouvidos.

Teceram-se hymnos á Salomé, porque dansou bem, a Cleopatra, porque foi bella, a Aspasia, porque conservou a belleza até os 80 annos, a Bãatriz, porque arrebatou Dante, a Laura, porque feriu com uma setta o coração de Petrarcha. Mas onde dythirambo á fada Hygia, que com a sua acção catalyptica, chega diante de Job e diz-lhe: — Sarai e andai? E Job se torna Adonis!

Cantam-se as façanhas de Agamenon e esquecem-se as de Galeno; compõe-se odes a Siegfried, mas deixa-se no silencio um Averrões, um Cook, um Marconi, um Bessemer, um Lavoisier.

A musa dos seculos cantou demais. Já endeõsou tyrannos e guerreiros, como Nero e Attila; já lançou grinaldas de flores sobre Dido, Hero, Leandro e Helena de Troya. Já cantou o amor em todas as suas facetas: amor triste, amor alegre, roxo, azul, branco, encarnado, amarello. Já contou quantos beijos Hele deu em Paris, Cleopatra em Antonio, Heloisa em Abelardo.

Mas, não disse o que fez Newton, a quem devemos a gravidade dos corpos, a lei da attracção dos astros, a luz electrica; Archimedes, a quem agradecemos a descoberta da hydrostatica; Watt, que nos deu a madeira; Gallileu, a que devemos a descoberta das rotações planetarias; Graham Bell, que nos deu o telephone; Descartes, que nos ensinou a pensar.

E' tempo de investirmos com coragem e entusiasmo pelo terreno da poesia scientifica, e desencravar do olvido os typos e as bellezas que dormem nos archivos.

Não queremos condemnar a poesia a cantar a machina, o vapor, a electricidade ou a medicina. Mas ordenamos que se façam allegorias, symbolos, imagens e idealizações dos heróes, que guiaram a humanidade á conquista do bem; que cada sciencia tenha um altar no Parnaso; que se seja moderno.

Nesta romagem longinqua, atravez dos seculos, somos amparados pelo braço por um Cyrinéo, que aqui nos impelle a galgar uma rampa; por um Néstor, que ali nos desvia a um precipio; por um Aruspice, que nos prediz o futuro.

Chegados ao fim da jornada, dizemos-lhe: — Passem muito bem! Somos ingratos e não queremos conversa.

Attingimos á terra de Canaan. A vida no planeta tem hoje todas as facilidades, todos os gozos, toda a sorte de conforto e de encantos. Quem nos legou todo esse thesouro? O passado. E que é o passado? A experiencia. Experiencia que significa? Significa sciencia. Primeiro conhece-se empyricamente; depois scientificamente. A experiencia conduz a deducção das leis. E as leis são depois applicadas para nosso gozo, para regalo do corpo e do espirito; para prevenir e curar. E' a hygiene, é a economia, é a moral; é a industria, fabricando tudo de que precisamos, a therapeutica applicando-nos todos os remedios para a saude; é a engenharia, applicando o calculo, a physica e a chimica, para transformar a materia em prazer, em segurança, em certeza, em dominio, em gloriã.

Tudo isso não merece um poema, onde se cante o triumpho da intelligencia e a gratidão pelos heróes?

Mas, estou a ouvir a interrogação dos jovens e o idyllio?

Responderei que isso não acabará, emquanto houver a humanidade. E ai, do mundo si elle acabar!

A poesia só vive pelas imagens que evoca, pelos pensamentos que traduz, pelo enlevo, que desperta, pela sublimidade, que prepara. Poetizar um assumpto é transformal-o em iris, em perola, em joia rara.

A poesia vale pela idéa scientifica que contem.

Haverá cousa mais grosseira do que uma batalha? Entretanto Homero, Lucano e Ariosto a divinizaram. Coisa horrivel é uma tempêstade. Entretanto, Elmano, tira della uma imagem religiosa no soneto que começa assim:

“Pela voz de trovão, corisco intruso,  
“Clama, que á Natureza impera um ente.”

Elmano, sem saber, foi cientista, quando escreveu as suas melhores poesias, como esta:

### A MULHER É BEM, E MAL

#### GLOSA

De varia côr se tingiu  
Fado, que póde o que quer,  
E unido á recém-mulher,  
A varia côr lhe imprimiu:  
Subito o mundo luziu  
C'o objectivo divinal,  
E sobre a estancia fatal,  
Sobre o triste globo errado,  
Segundo o matiz do Fado.  
A mulher é bem, e mal

Não haja no mundo alguém,  
 Que com um, ou outro affecto,  
 Chame á mulher mal completo,  
 Ou chame completo bem:  
 Nada d'isto lhe convém;  
 Por um systema formal  
 Como em tudo é desigual  
 Causa gostos, e dá ancias,  
 E em diversas circumstancias  
**A mulher é bem, e mal.**

Aqui fez synthese cosmogonica. Collocou a mulher como centro dos destinos do mundo E' uma figura poetica, mas é scientifica.

Agora vejamos esta outra:

### GLOSA

Desvelado pensamento,  
 Que a minha magua requintas,  
 Quando em illusões me pintas  
 Suave contentamento:  
 Se um dever duro, e violento  
 Do bem, que adoro, me afasta,  
 Se barbara lei contrasta  
 Os desejos da paixão,  
 De enganar-se o coração  
**Basta, pensamento, basta.**

Nize em braços de um tyranno  
 Mesmo a seu pezar suspira;  
 Em quanto geme, e delira  
 Longe d'ella o triste Elmano:  
 O meu rival gosa ufano  
 A dita mais singular;  
 E se a dôr de o invejar  
 Tu me excitas, pensamento,  
 Em profundo esquecimento  
**Deixa-me em fim descansar.**

Bem, que se não gosa, ancia;  
 Não me presentes, memoria,  
 A perda da minha gloria  
 Na imagem da gloria alheia:  
 Nize arrasta uma cadeia  
 Que só a morte sacode,  
 E por isso não me acode,  
 Nem me paga a sympathia  
 Um bem, que ser meu devia,  
**Um bem, que ser meu não pode.**

Pensamento namorado,  
 Não promovas minha pena;  
 Ceda-se ao que o fado ordena,  
 Que ninguem resiste ao fado:  
 Alto prazer suspirado,  
 Que se não pôde alcançar,  
 Porque em se não desfructar  
 Deixa em fim de ser prazer,  
 E' uma dita esquecer,  
**E' um tormento lembrar.**

Nesta glosa, Elmano faz sciencia psychologica. Pintou o ciume e o despeito, como só o faria Shakespeare.

Elle nunca, suspeitou que estava fazendo sciencia; mas como era verdadeiro poeta, vestiu uma idéa scientifica com uma fórma esthetica.

Todos os grandes poetas que têm sobrevivido á sua época são scientificos, consciente ou inconscientemente, elles realizam uma funcção divinatoria de sabedoria. Ou advinham o futuro, prevendo, como os oraculos, o desdobrar dos acontecimentos, ou interpretam leis naturaes, que presentem ou conhecem. Uns são moralistas, outros georgicos, aquelles psychologos, estes economistas. Alguns são astrónomos, outros geographos, outros biologistas.

Dante, quando escreveu a **Divina Comedia**, fez varias disciplinas scientificas: historia, geographia, economia politica, astronomia, psychologia, theologia, direito e moral.

Milton não fez outra cousa. Calderon fez historia, psychologia e moral.

Voltaire, Racine, Corneille foram moralistas. Virgilio foi geographo, historiador, agronomo, veterinario, entomologista, geologo, estrategista, botanico, estadista, moralista.

Vejamos, por exemplo, este trecho das georgicas (o orador lê um capitulo). E' sciencia economica e moral.

O mais cientista de todo os poetas antigos, Lucrecio, fez um tratado de historia natural, presentiu a biologia, advinhou a economia politica e a moral scientifica. Na sua obra prima **A Natureza das Cousas**, onde elle resume as leis de Epicuro, seu mestre, dá-nos paginas de rara belleza, como estas (o orador lê varios contos de Lucrecio) E' preciso, porém, cortar muito para poder lêr num salão a obra de Lucrecio. E' obra de naturalista e não tem ambages na lingua. Lucrecio é contra Aristoteles. E' evolucionista; quer indagar e explicar o principio e o fim das cousas.

Camões foi um grande geographo e historiador. A sua obra está dando ensejo a estudos, por toda parte, cada qual extráe medicina, botanica, mythologia, nautica, economia politica, linguistica, psychologia e moral.

Noto apenas que elle não era profundo em mathematica, physica e chimica.

Junqueiro innundou as suas ultimas obras de mysticismo scientifico. Era metaphysico, astrologo, alchymista. Vestia o albornoz da sciencia mediéval e tentava talvez a pedra philosophal e o elixir da longa vida. Mas si fez chiromancia e astrologia indú e reviveu a alchymia arabe, fez sciencia moderna em economia politica, psychologia e moral.

Ahi elle perdurará mais tempo do que nas palavrosas fantasias de **Morte de D. João e Velhice do Padre Eterno**.

Shakespeare, o gigante britannico, assomou a tanta altura porque foi o maior psychologo que a humanidade já possuiu.

E porque ficou tão alta a estrella de Molière? Pela mesma razão.



E' que logo abaixo do Atlas anglo-saxonico elle tomou logar na cadeira dos videntes do coração humano, occupando o 2º logar da escala, ao lado de Calderon.

Aquí, entre nós, quaes as glorias que ficaram? Castro Alves, Gonçalves Dias, Varella, Machado de Assis, Bilac. Porque? Porque aquelles tres primeiros foram as boccas de grandeza decrescente, que disseram as verdades sobre a ethnologia, a economia, a geographia, a historia e a moral do povo brasileiro. Os dois ultimos foram psychologos e moralistas. Bilac tem muito peccado de moço, verdadeiras irreverencias. Mas vestindo tudo de uma fórma bella, soube emendar a mão, fazendo doutrina moral na **Missão de Purno**, na **tentação de Xenocrates** e em todos os poemas da **Tarde**. Fez geographia e historia em **Caçador de Esmeraldas** e na **Morte de Tapyr**.

Fizeram a anthropo-geographia de Ratzel.

Dos vivos os que hão de ficar são os que cantam os motivos eternos da vida. Este faz cosmogonia aquelle entomologia, aquell'outro psychologia, outros mais fazem doutrina moral.

Não entrarei nesta seara, porque valor de poetas e belleza de mulheres são cousas que, em se tratando de vivos, levam ás fogueiras do Santo Officio.

Vejamus um modelo de arte poetica perfeita, de um cantor hispano-americano — Amado Nervo. **La Montaña**: Esta poesia é a pintura psychologica de um sabio, cuja alma cançada de viver, desfaz-se em conselhos e vive a fazer o bem:

### LA MONTAÑA

Desde que no persigo las dichas pasajeras,  
muriendo van en mi alma temores y ansiedad:  
la Vida se me muestra con amplias y severas  
perspectivas, y siento que estoy en las laderas  
de la montaña augusta de la Serenidad.

Comprendo al fin el vasto sentido de las cosas  
sé escuchar en silencio lo que en redor de mi  
murmuran piedras, árboles, ondas, auras y rosas...  
Y advierto que me cercan mil fórmulas misteriosas  
que nunca presentí.

Distingo un santo sello sobre todas las frentes;  
un divino me fecit Deus, por dondequier,  
y noto que me hacen signos inteligentes  
las estrellas, arcano de las noches fulgentes,  
y las flores, que ocultan enigmas de mujer.

La Esfinge, ayer adusta, tiene hoy ojos serenos;  
en su boca de piedra florece un sonreír  
cordial, y hay en la comba potente de sus senos  
blanduras de almohada para mis miembros llenos  
a veces de la honda laxitud del vivir.

Mis labios, antes pródigos de versos y canciones,  
ahora experimentan el deseo de dar  
ánimo a quien desmaya, de verter bendiciones,  
de ser caudal perenne de aquelles expresiones  
que saben consolar.

Finé hi humilde siembra; las mieses en las eras  
empiezan a dar fruto de amor y caridad;  
se cierce un gran sosiego sobre mis sementeras;  
mi andar es firme...

!Y siento que estou en las laderas  
de la montaña augusta de la Serenidad!

Eis ahi, meus Senhores, como se consegue fazer poesia moral, vestindo uma idéa scientifica com a roupagem da belleza plastica.

E' uma estatua de Phydias ou de Rodin. Tem musculos, tem alma. Parece que se está vendo Socrates nos seus ultimos annos.

Amado Nervo, com D. André Bello e Rubem Dario, são realmente os expoentes da latinidade espanhola

No Brasil ha muitos grandes poetas. Mas reservo-me para estudal-os depois.

Esta palestra tem apenas por fim lançar este thema, cuja prioridade reclamo para mim: "Toda poesia para ter vida ha de enfeixar um idéa scientifica em uma fórma bella".



## OXIUROS?

### Expulsão Radical

pelos comprimidos insipidos "Bayer" de

## BUTOLAN

Está comprovada a sua tolerancia absoluta e  
infallibilidade pelos Adultos e Crianças no  
Brasil e Estrangeiro.

Consulte seu medico.

A venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias

# Da pratica da Pedagogia na Escola de Applicaçãõ

PELOS PEQUENINOS

JARDIM DA INFANCIA

JOAQUINA DALTRO

Prof. adj. de 1ª classe  
da. E. de Applicaçãõ

(Continuaçãõ)

## O PÃO

Material necessario para a liçãõ: pães de diversas fôrmas, farinha e grãos de trigo, duas pedras convenientemente escolhidas, estampas, etc.

## PALESTRAS

Depois de haver contado, procurando impressionar profundamente as crianças, a historia de uma que, caminho do collegio, dividiu a pequena merenda, um pãõsinho com manteiga, com um mendigo, a mestra entreterã palestras em torno do pãõ, da padaria e do forno, da farinha e do grãõ de trigo, do moinho, dos pés de trigo, do camponez, etc.

Porque a criança dividiu a merenda com o mendigo? Que merenda era? Você gosta de pãõ? A Mamãe tambem come pãõ? E o Papae? Todos, em sua casa, comem pãõ? E em sua casa, F.? Em minha casa todos comem pãõ, tambem. Para que serve o pãõ? O pãõ é um alimento porque mata a fome, assim como a agua mata a sêde. Mas é preciso matar a fome, comer, para viver? Si a criança não se alimentasse que aconteceria? E às pessoas crescidas, que tambem não comessem? E ao cão, ao gato- Você conhece muitos alimentos? Quaes são? Você come alface todos os dias? A Mamãe compra peixe todos os dias? E pãõ, compra todos os dias? Nós domingos, tambem? Porque? Mas, fica sem pãõ aos domingos? Então o pãõ tem muito valor, é muito precioso?

Como se chama a casa onde se faz e onde se compra pãõ? E como se chama o homem que nos fornece o pãõ? Onde o padeiro conduz o pãõ? Onde o guarda a Mamãe? Que pães ella gosta mais de comprar, compridos? redondos? Como é a casca, a crosta, a côdea do pãõ? E o miolo? O cheiro do pãõ é agradavel ou desagradavel? E o gosto? De que será feito o pãõ? (A mestra mostrarã a farinha de trigo). Que é isto? E' fina ou grossa? E' macia? De que côr é? Para que serve? Vamos fazer uns pãõsinhos?!... Vamos preparar a massa... aqui esta vasilha serve de masseira... Temos farinha de trigo, agua, sal e fermento, para o pãõ crescer. E' preciso amassar bem a farinha para os pães ficarem gostosos. Estãõ promptos! Mas... estãõ crús... Que nos falta para cosel-os, para assal-os? A Mamãe quererã cosel-os, em casa?

De onde se tira a farinha de trigo? (a jardineira mostrarã grãõs de trigo). Vamos soccal-os, moel-os com estas pedras, para fazer farinha?!... Como será que os homens fazem a farinha? Soccando o trigo assim, com pedras iguaes a estas? Mas quanto tempo levariam, coitados para fazer farinha que dêsse pãõ para nós todos! Onde será que elles môem os grãõs de trigo? Você já viu um moinho? Aqui está um moinho de café... Olhem como está moendo todo o café... Ha pedras no moinho para moer? Vejam estes moinhos (a jardineira fará a criança observar estampas,

sem se esquecer do moinho de agua, o mais usado entre nós). Como se chama o homem que trabalha no moinho? Quem o ajuda a fazer o moinho funcionar?

De onde vêm os grãos de trigo? Você já viu alguma plantação de trigo? Vou mostrar na estampa... Como se chama a pessoa que trabalha no campo, cuidando do trigo ou de outra plantação? Trabalha muito o camponez? A que horas accorda — cedo ou tarde?

### EXCURSÃO

Visita a uma padaria, á hora de fazer pão.

### CANÇÃO

— Como dorme o camponez,  
Socegado no seu leito,  
Do trabalho satisfeito,  
Sem temer nenhum perigo?

Como dorme o camponez?  
— Elle dorme assim, amigo,  
Sonhando com o teu trigo:  
La, la, la, la, la, la, la, la, la, la, la,  
La, la, la, la, la, la, la, la, la, la, la.

(D'“O Camponez” — traducção de Joaquina Daltro)

### O CAMPONEZ

Musica de R. J. Ruelens

### OCCUPAÇÕES

Modelagem — páes diversos.


Collagem — o fôrno da padaria, um fogão, o moinho.

Desenho — um pão, o padeiro, com o cesto, o fôrno da padaria, uma pá.

Cartonagem — o cesto do pão e o moinho.

Costura — um pé de trigo.

(Continúa)

**O melhor presente para uma normalista** 

**Uma assignatura d' A Escola Normal**

PRODUCTOS DE BELLEZA  
**GENEURA**



Crème—Branco—Brilhantina—Agua de Colonia  
Agua de Alfazema—Loção

**Pharmacia e Drogaria Mem de Sá**



**Brinde d'A ESCOLA NORMAL**

10 % de abatimento  
a quem trazer este annuncio

***J. Freitas & Cia.***

**80, Avenida Mem de Sá, 80**

**TEL. CENTRAL 1447**

**RIO DE JANEIRO**

# Salutaris

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL

A Rainha  
das  
Aguas de Mesa

**A' venda em toda a parte**



## João de Carvalho

CONSTRUCTOR

Construcção e Reconstrucção  
de predios por  
administração ou empreitada

OFFICINA E ESCRITORIO:

Rua Buenos Ayres, 230

Telephons Norte 372

RIO DE JANEIRO

## CABEÇAS LIMPAS

Acabaram-se os piolhos, as lendias,  
as parasitas e a queda dos cabellos  
COM O USO DO

## Oleo Indigena

### Perfumado

Este oleo, é um grande tonico do couro cabelludo e combate com effi-  
cacia não só a queda do cabello,  
como extingue por completo os pio-  
lhos, as lendias, a caspa e as para-  
sitas na cabeça das creanças e dos  
adultos.

Vende-se em todas as drogarias,  
pharmacias, perfumarias, barbea-  
rias, armarinhos e no **Pare Royal**.  
Representante geral: **A. J. Henri-  
ques**, Rua Theophilo Ottoni, n. 163  
— Rio de Janeiro.

Preço 3\$000, pelo correio 4\$500

Quereis ser feliz nos vossos amo-  
res?

Quereis ganhar dinheiro e serdes  
feliz nos vossos negocios?

A vossa vida está atrazada ou os  
vossos negocios estão correndo mal?  
O vosso noivo ou noiva não vos  
quer mais?

Emfim, tendes algum embaraço  
na vida?

E' facil, facilimo, uzae hoje mes-  
mo o grande e infallivel.

## TALISMAN DE JERUSALEM

(Defumador Indigena)

O mais completo

Preço 5\$000, pelo correio 6\$000

Para destruição dos mosquitos e  
maus cheiros nas casas e camaras  
mortuarias, etc., etc.

Representante: **A. J. HENRIQUES**

Rua Theophilo Ottoni, 163 — RIO DE JANEIRO

Não accetai, sobre qualquer pre-  
texto, outro defumador, a não ser o  
**Talisman de Jerusalem**  
(Defumador indigena)

O unico verdadeiro e que dá  
resultados.

# Hygiene Escolar

## SOBRE A EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(FRAGMENTOS DE UMA LIÇÃO)

LUNA FREIRE

Docente de Hygiene

Na lição passada, me occupando da educação intellectual das classes escolares, vos dizia que a verdadeira base de uma pedagogia scientifica devia assentar nos dados da psychologia infantil. Infelizmente, porém, é de noção corrente que ainda actualmente não se pôde contar com as luzes desta psychologia dos primeiros periodos da vida no subministrar a instrucção ás classes infantis.

A ninguem, seguramente parecerá estranho que a Hygiene tenha larga interferencia neste assumpto, para salvaguardar os interesses da saude, quer physica, ou corporal, quer physica, ou mental. Ella sob este ponto de vista precisa de forrar-se de conhecimentos pedagogicos, para constituir esta nova provincia, que o Sr. Alexandre Layet chamou **hygiene pedagogica**. Lembrei-vos que se procurava dar uma solução á momentosa questão da instrucção racional dos escolares, appellando para o que se costuma chamar a **Organização pedagogica das escolas**, representada pelos diversos grupos de escolas, onde devem aprender as crianças, de conformidade com a idade, que seria aqui o criterio fundamental. Enumerei, então os **Jardins da Infancia** ou **Escolas maternas** ou maternas, as **Casas dei Bambini** da Dra. Montessori, as escolas primarias, os cursos secundarios, lyceus, etc., etc. Fiz notar logo que havia necessidade de apurar mais outras bases desta organização do que simplesmente a idade; porquanto nestes diversos grupos de escolas, os escolares não se prestavam perfeitamente a um mesmo ensino, somente por terem a mesma idade. Vimos, então, que ha necessidade de reconhecer diversos typos de escolares, que são actualmente representados pelos **supra-normaes**, pelos **normaes** e pelos **anormaes**. Veiu a proposito citarmos as **obras de selecção e de protecção das escolas** como consequencia natural do reconhecimento daquelles typos escolares. Dei-vos a classificação dos anormaes, que adopto e mostrei em traços largos a complexidade do assumpto, prestando-se apenas a um simplificação didactica, que melhor se accomoda aos vossos conhecimentos, que não podem ir até os dominios da psychiatria. Nestas diversas escolas, em obediencia aos preceitos de sua organização, os programmas, como vimos, são diversos, bem como a divisão do tempo, os methodos de ensino, as pausas, recreios. Como principios basicos, estremes de qualquer duvida e que convem sempre adoptar na educação mental das primeiras classes, enumeramos as seguintes proposições axiomaticas: Antes de determinar o que a criança **deve** aprender, seria sempre preciso saber o que ella **pôde** comprehender (Nery visto como, já dizia Montaigne, saber de cór não é saber. Apezar do conceito geral de que após os primeiros 4 annos, a criança possui certo gráu de intelligencia, isto é, já tem suas circumvoluções frontaes em actividade, a aprendizagem della é mais facil ou mais difficil de accôrdo com a capacidade mental e as taras hereditarias. Orth dizia muito bem, que para se saber o regimen intellectual que convem a uma criança, se deve conhecer antes a materia que se vai trabalhar. Não será, pois, difficil de comprehender, que apezar de se prestar a idade como base da organização dos grupos escolares, muitas vezes será ella um criterio falho e falso mesmo entre os normaes.

D'aqui a critica que se estende ainda a confeição de uma classe ou das classes em geral sob o mesmo criterio. A classe, como se sabe, é um agrupamento de alumnos submettidos a um mesmo regimen pedagogico, ou assimillando o mesmo ensino, sob um mesmo methodo, a mesma divisão do tempo, pausas, etc.

A critica tem accêntuado que as crianças, as mais normaes, nas mesmas condições de hygidez, não possuem as mesmas aptidões psychicas para formarem sempre uma classe uniforme e regular. Von Biervliet comparou a classe a um banquete de 50 tallheres, no qual apenas 3 ou 4 convivas comem com appetite, e 30 provam apenas as iguarias e onde o restante se contenta em vêr passar os pratos.

Tambem se diz da classe que tem ella uma cabeça muito pequena, composta de 2 ou 3 escolares e a cauda enorme; que ella é sempre um organismo microcephalo e macruo. Assim deveria ser e nem poderia ser de outro modo, visto como o estado mental das crianças se desenvolve sob a influencia de diversos factores, muito variaveis de accôrdo com as leis da herança, taras e sommas de taras, ainda sob a poderosa influencia do meio exterior (percepções sensoriaes) e de sua propria actividade ou diligencia. De modo que é sempre para lastimar que apezar dos esforços dos paizes cultos, o atrazo em que estamos no terreno da psychologia não nos permita collocar a educação das classes infantis em termos perfeitamente scientificos. Aqui vem a pêlo relembrar o valor dos **tests**, ou provas a que se submettem os escolares para o reconhecimento das aptidões ou disposições mentaes. Já o celebre anthropologista inglez Galton, o fundador da eugenia tentára em 1883 medir as individualidades, o que o americano Cattell procurou realisar no terreno pratico por meio de seus **mental tests**, cujo numero e valor têm sido nestes ultimos tempos augmentados até o apparecimento da escala psychometrica de Binet e Henri, a qual marca uma grande conquista neste terreno.

Esta série de **tests** de Binet, o grande psychologo francês, com as modificações do inglêz Terman, parece ter valor real no reconhecimento das aptidões mentaes, em seus diversos gráus até mesmo nos dominios da anormalidade psychica.

Executados por psychologos e por pedagogos experimentados, os **tests** podem servir satisfactoriamente para a obra de selecção das escolas e dos escolares (**triage**, dos francesês) e para a feitura das classes, que assim teriam um criterio melhor do que a simples idade chronometrica. Todos estes estudos dão a conhecer modificações mais ou menos profundas que o trabalho mental imprime no organismo infantil sob o ponto de vista sommatico e psycho-physiologico.

Por estes diversos methodos já alguma cousa se tem conseguido no tocante ao conhecimento da fadiga e do estazamento, bem como no sentido de melhor orientação nos programma e regular ensino nos grupos escolares.

Reconheceu-se mais que o trabalho mental está ainda na dependencia do estado physico ou corporeo; que o trabalho psychico impressiona sensivelmente as funções normaes do organismo, isto é, altera o seu estado physiologico e tambem que o trabalho intellectual tem influencia sobre as funções psychicas mesmas, conferindo-lhes um "deficit" notavel (fadiga e estafa).

As boas condições physicas dos escolares equivalem a uma promessa de prospero futuro, muito adequado ao trabalho psychico. Na base de qualquer ensino deve estar a percepção perfeita do mundo exterior ou a educação dos órgãos sensoriaes. É uma noção corrente em pedagogia que toda criança deve aprender a olhar, a ouvir, ou a apurar a sua sensibilidade tactil e estereognostica e a medir, a pesar, etc.

A educação sensorial já fez suas provas mesmo entre os anormaes.

O alienista Séguin já no fim do ultimo seculo dizia que o educador devia conduzir a criança ao mundo das idéas pelas vias dos sentidos. Tal deve ser a preoccupação do ensino no periodo outrora dito pre-escolar e que hoje tem escolas bem



conhecidas e muito uteis, onde as lições de cousas e os dons de Froebel representam papel saliente. Um grande pedagogo ensinava que antes de ter a palavra o mestre, deveria fazer fallar as cousas. Felizmente a excellencia da educação physica e sensorial nas primeiras idades, já não encontra contradictores. As impressões do mundo exterior, sendo bem aproveitadas e dirigidas nos primeiros tempos, despertam no cerebro infantil aquisições mais elevadas no dominio da intelligencia ou das idéas, bem como para o lado da memoria, da attenção, ou dos factos na esphera da consciencia. Assim concebida, a educação da criança tem de começar muito cedo, no seio da familia. Michelet acreditava na necessidade de duas educações, a da Familia e a da Patria. Foi justamente para substituir o ensino maternal, na familia, por vezes impossivel, que o allemão Froebel institui os **uardins da Infancia**, onde no seu pensar todo symbolico as mestras são as jardineiras da Infancia, cultivam-n'a como os nossos jardineiros cultivam as nossas flores. Uma outra série de modificações que o trabalho mental provoca no funcionamento de nossos aparelhos organicos se accentua na circulação, na respiração, no aparelho neuro-muscular, bem como nas secreções e sobre o metabolismo ou trocas nutritivas. Aqui muito valem os aparelhos registradores; mas taes alterações ou perturbações funcçionaes são de difficil estudo nas crianças por falta de attenção demorada e certa immobilidade e esforço de attenção e de comprehensão no acto requerido. (Mery) Aqui nesta série de modificações physiologicas apparecem as perturbações do rythmo cardiaco, da pressão arterial e nos capillares (plethismographo), augmento do volume do cerebro, da força muscular, donde tirou Ribot, a sua theoria muscular da attenção, etc.

Estas alterações physiologicas sob a influencia do exercicio psychico não são de molde a merecer muita importancia em relação ás conclusões a tirar no tocante ao trabalho mental das crianças, porque já vimos que ellas não se accommodam bem a este genero de pesquisas. Valor de maior alcance têm as conclusões que se tiram das modificações que o trabalho mental imprime ás funcções psychicas mesmas. Parece fóra de duvida que taes modificações das funcções psychicas impostas pelo emprego da actividade cerebral, são as mais importantes, não só em relação ao trabalho realisado, como tambem em relação ao "deficit" que a memoria, a attenção e o tempo de reacção soffrem depois de esforço intenso e prolongado. Antes de tudo é bem sabido que a aptidão ao trabalho, bem como o rendimento d'elle, são função de tempo e de duração da actividade. No trabalho intellectual agem dois factores: o treinamento e a fadiga. Esses dois factores actuam em sentido contrario. Emquanto se conta com o treinamento o rendimento do trabalho vai crescendo e é sempre mais consideravel com elle. Mas, com elle ou sem elle a fadiga é fatal, com ella se deve sempre contar. É uma vèz manifestada a fadiga o rendimento do trabalho vai se tornando menor e depois della apenas poderá ser momentaneamente accrescido pelo esforço do ultimo periodo de **verve**. O que se não deve confundir é a fadiga cerebral com a estafa ou estazamento (surmenage, dos francêses). A fadiga se manifesta mesmo nas classes infantis e tem o effeito pernicioso de provocar ao lado de outros factores as duas doenças dos escolares: a myopia e a escoliose.

A estafa ou o estazamento é uma fadiga morbida; mas que segundo o pensar dos competentes não se observa nas classes infantis e sim nos candidatos aos concursos, nos estudantes dos cursos superiores, nos quaes a vontade impõe um esforço de attenção em um trabalho longo e intenso, dito trabalho mixto.

O trabalho cerebral sem attenção esforçada tal como se dá nas crianças nunca chega ao estazamento. Declarada a fadiga, em geral o trabalho já se torna tão falho, que ha necessidade de abandonal-o. A attenção, a memoria, o raciocinio soffrem um "deficit" sensivel que trahe o ataque ás funcções psychicas.

Os oradores, os professores, e, em geral, os que têm o habito de frequentar a

tribuna conhecem praticamente quando a fadiga attinge o auditorio, pelos signaes, por que se manifesta, e são: bocejamento, pequenos movimentos musculares, caratas, mudanças no sentar, olhar incerto, indifferente, face sem expressão e ás vezes alguns cochillos. Aqui nesta sala, entre as minhas alumnas a distracção do cansaço não chegam ao ponto nem aos dominios de Morpheu, mas apenas ao cochixo ou á conversa em vóz baixa, que por vezes obriga o mestre a perder alguns minutos preciosos de seu tempo da lição, para advertencias, que não deixam de perturbar o curso natural da aula.

Tenho dito muitas vezes que aqui nesta escola Normal, o estado de fadiga psychica não é muito para se extranhar, é mesmo talvez admissivel em cerebros que horas a fio procuram assimilar ensinamentos de quatro, cinco e mesmo mais aulas sobre multifarios assumptos, sem as pausas regulares e sem mesmo disporem de tempo necessario para uma alimentação commum, senão talvez para uma refeição *à la diable*, *à la minute*, a guiza de tradicional e malsinada merenda, que já muitas horas antes sahiram de casa embrulhadas no papel...

Ao chegarem as horas da tarde vossa attenção já não mais se póde fixar até as ultimas preleções das derradeiras classes. De sorte que, aqui nesta Escola, mais do que em qualquer outra se faz sentir a vantagem das classes das primeiras horas da manhã, quando a attenção, a memoria, o raciocinio ainda não estão escandecidos pelas muitas horas de trabalho cerebral. Já se teria direito de esperar que as constantes reformas que por curtos periodos se fazem nas nossas escolas, tivessem atendido e remediado os pontos tão frageis e tão imperfeitos da organização do ensino normal. Todos sabem disso, todos clamam, competentes e abalisados pedagogos, mas, entretanto, ahi estão ainda e sempre os programmas indigestos, aparatosos, mas-sudos, prenes de inutilidades, pesadamente decorativos para armar o effecto, nos quaes tudo se péde da memoria das normalistas, a qual apezar de hypertrophiada pelo treinamento apenas chega para as ultimas exhibições dos exames finaes.

(Continúa)...

---

Acha-se á venda nesta redacção a collecção de 1924-1925 d' A "Escola Normal".

Um volume com cerca de 700 paginas ricamente encadernado : 25\$000.

Para o interior : 27\$000

# As bases da arte moderna



(Conferencia no Curso Angela Vargas)



Ronald  
de  
Carvalho



Convidando um "moderno" para falar nesta casa, a illustre Senhora D. Angela Vargas Barboza Vianna, com o destemor que acompanha sempre a curiosidade da intelligencia, quiz dar uma prova de que os artistas renovadores da cultura brasileira não são esses perigosos portadores de germens nocivos, que a divertida teimosia de certos fantasmas literarios por ali assoalha. Eis-me, aqui, portanto, para dizer-vos o que penso, com toda sinceridade e sem a menor restricção, sobre os fundamentos da esthetica moderna. Vou mostrar-vos quaes são as razões que temos para combater todos os preconceitos infecundos que nos levaram ao servilismo das imitações inuteis, afastando-nos da "realidade brasileira", substituindo-a pelo artificialismo precioso de formulas e theorias empreatadas.

Antes do mais, colloquemos a questão nos seus termos. Que é o modernismo? O espiritismo moderno confunde-se, porventura, com o cubismo, o dedaismo, o super-realismo? Ou melhor, o espirito moderno é simplesmente, como em geral se repete, o futurismo? Desde já, posso adeantar-vos que é erro ingenuo fazer do futurismo a base do espirito moderno.

O futurismo nasceu na Italia. Foi uma época, um momento particular na historia da vida italiana. Reagindo contra o "vago", o indeterminado, contra a peor fórma do "abstracto", que symbolistas e impressionistas lançaram na moda, o futurismo representou uma volta á materia, á realidade quotidiana, ao senso bruto das cousas, que se perdera na meia tinta dos continuadores de Monet, Verlaine ou Wagner. Não se lhe pôde negar, comtudo, uma funcção salutar, que preparou o equilibrio da arte contemporanea, trazendo-lhe forças incontestaveis.

O futurismo foi, tambem, um movimento politico. A Italia adormecida de Carducci, a Italia congelada da Academia della brusca, das nevroses d'annuzianas,

continuadas por Benelli, da critica empalhada de Ojetti e Del Lungo, a Italia imitadora de Budelaire e dos naturalistas; a Italia dos revezes da Africa, sem prestigio no Adriatico, onde Pola, e não Veneza era a cabeça mestra; a Italia, sem os caminhos do Mediterraneo, onde as esquadras de S. M. Britannica dominavam e cruzavam impunemente; a Italia, forçada a entrar num pacto de alliança com os seus inimigos tradicionaes; a Italia, entregue aos conservadores intolerantes e seriamente ameaçada por successivas crises economicas; a Italia, sem carvão, e sem ferro, os dous factores das grandes potencias modernas, estava deante deste dilemma: ou reformar os processos caducos, ou desaparecer tutelada pela Austria, pela França, ou pela Inglaterra. Foi nessa occasião, isto é, nos ultimos annos do seculo XIX, que Papini, rodeado de sua phalange latina, rompeu com um apodrecido tradicionalismo, que pretendia encarnar a tradição de independencia dos Dante, dos Julio XI e dos Machiavel.

"Futurismo, disse o autor da Vida de Christo, deixando ao lado todos os acompanhamentos estilisticos, muitas vezes inuteis e tolos, significa, sobretudo reacção violenta contra a superstição archaista, que enfraquece a maior parte dos intellectuaes italianos.

Muitos, que poderiam fazer cousa nova e forte, sentiram-se abafalos por essa pesada athmosphera de antiguidade, de tradições, de regras, de lembranças nostalgicas que é a athmosphera normal do espirito italiano, depois do seculo XVI. Os italianos de engenho, como os damnados do Dante, têm sempre a cabeça voltada para trás. Toda estranheza, todo ardor, todo esforço para a novidade e a modernidade são logo condemnados pelos bem pensantes, pelos guardas dos museus e das bibliothecas, como imbecillidades, tolices, creanças, inconsequencias. . . Os grandes antepassados foram grandes por sua conta. Nós os respeitamos e amamos, mas basta: Deveremos fazer cousa nossa. Em relação á politica, eis as suas expressões, que transcrevo no original, para não diminuir o sabor da sua formidavel dialectica "Futurismo é amore del movimento e del tumulto ed io sono stato sempre nemico della quilde mia ed altrui; ho imprecato alla lentezza del, de cose e inneggiato alla velocità nel 1907; sono stato il capo dell'unico *sturm und drang* che sia avuto in Italia prima del futurismo. Futurismo é forsenato amore dell' Italia e della grandezza d'Italia ed io ho sognato fin da ragazzo un nuovo primato per il mio paese; sono stato uno dei primi propagandisti del nazionalismo e ho iniziato nel 1906 una "Campagna per il forzato risveglio" per dare alle forze italiane una nuova e piú energica direzione."

Quanto á religião denuncia, no seu *Discorso di Roma*, o germanismo e o asiatismo de grande parte dos pensadores italianos, como um dos males contra os quaes todas as investidas seriam justas, pois, na Igreja, estava um das maiores energias da latinidade.

"Assim reportou o espiritismo, para os serões da pequena burguezia; a theosophia para os chás espirituales da bôa sociedade, a religião da humanidade, da dôr, do amor, para os corações ternos, para aquelles que necessitam banhar-se nas aguas de uma piedade melancholica".

Essa livre agitação de idéas, seguindo a regra geral em taes casos, estratificou-se lentamente numa Escola. O futurismo desapareceu no marinettismo. Marinetti poz abaixo as linhas mestras da architectura papinista, coodeficando, regulando, petrificando a estructura admiravel que recebera.

O Estado futurista, propriamente dito, foi destruido pela administração Marinetti. Como observou Papini, o marinettismo oppoz á latinidade, á supercultura, ao desprezo do culto do passado, á sensibilidade nova, á agudeza, á originalidade, á ironia, á finura, á aristocacia, á paixão da liberdade, ao patriotismo, á

fetismo, a publicolatria, o imperialismo humanitario, a solidariedade estreita, o xenophobismo e o militarismo.

Quem de boa mente, comtudo, pôde falar em continuidade de acção futurista nos dias presentes?

Os artistas modernos da Europa e da America já voltaram as costas ao futurismo, desde o segundo lustro deste seculo. Sómente usam, hoje, desse rotulo inexpressivo, os que, por ignorancia ou má fé, procuram perturbar pelo ridiculo o desenvolvimento do espirito moderno. Pertenciam a essa mesma raça de intolerantes os que, no seculo XVII, erguiam o manequim de Ronsard deante de Racine, e insultavam Spinoza, pela bocca dos burguezes honestos de Voorburg, declarando-o *instrumento de ruina da Republica*, os que, no seculo XVIII não pouparam remoques serios contra Rousseau e Lamarck e, no seculo XIX, motejaram dos Romanticos, entre os quaes pontificava o pae Hugo, arremessando-lhes, no dialecto de sempre, as pechinchas conselheiras, como estas do "Le Classique et le Romantique", do fallecido Baour-Lodmian, da Academia Franceza:

Chaque vers échappés de vos grêles cerveaux  
Transforme vos lecteurs en oedipes nouveaux  
Et dérouté à loisir leur faible intelligence.

Eis ahí. "Grêles cerveaux", segundo o academico de então, eram Victor Hugo, Lamartine e Th. Gautier, os deuses dos que atacavam os parnasianos, como estes o eram dos que deprimiam os symbolistas.

Os que acoimam de futurista a obra do artista moderno brasileiro não sabem o que dizem.

A reacção que iniciamos é muito complexa; as suas raizes não são puramente estheticas, mas tambem ethicas. Não é sómente das formas estreitas que nos libertamos, porém, dos preconceitos mesquinhos de um falso espirito inferior, formado e alimentado por um diletantismo livresco, da peor especie.

Herdamos uma voz melancolica. Perdido na vastidão da floresta insidiosa que, a cada passo, vem arrancar-lhe os fructos do seu labor, o homem brasileiro reflecte no pensamento a tragedia aspera e continua da sua adaptação ao meio cosmico. As forças que tentam esmagal-o são de tal apparencia, que Buckle, e, depois d'elle, Rivet, Lapouge, Lecoite e varios anthropogeographos da escola de Ratzel, ou da corrente de Vidal de la Blache, o condemnaram a um perpetuo exilio no seio da natureza impiedosamente exuberante.

Da Amazonia opulenta de Humboldt e de Constantín, aífirma Le Cointe no "Climat de l'Amazonie", que é "um deserto de verdura, a espera de occasião propicia para resurgir".

Desde 1876, Stenley, o celebre explorador inglêz, já se referia á enganosa magia das mattas virgens, que deleitam os olhos mas opprimem a vida humana, reduzindo-lhes as energias, despojando-a dos seus attributos superiores. O homem do tropico é um ser destinado ao terror, á humilhação, em face da Natureza. Nossa literatura apresenta, a esse respeito, depoimentos celebres.

Basta mencionar os "Caucheros" e o "Judas Ahsverus", de Euclides da Cunha, entre muitos. Tudo se entredévora nessa panphagia formidavel da selva barbara. Os rios saltam dos leitos e engolem as terras marginaes; pullulam, nas fermentações dos mangues e igapós, milhões de insectos, desde a borboleta ao pium voraz. A sombra de certas arvores é mortifera, e ha grandes corollas que se abrem como boccas esfaimadas. Sómente o homem se encontra deslocado nesse monstruoso divertimento das forças elementares.

O sentimento confuso dessa lucta permanente, vindo através do indio totemista, do africano fatalista e do portuguez nostalgico, povoou de fantasmas a

alma brasileira. Ficámos attonitos ante o destino. A dôr e a lascivia embriagaram o nosso espirito: Foi essa herança que recebemos do passado, mesmo daquelles que melhor exaltaram a nossa psychê, a exemplo de Gonçalves Dias, Alencar, Castro Alves e Raymundo Corrêa.

A historia dos nossos valores é, em grande parte, o espelho desse combate entre a terra e o homem. Não direi, por certo, que a situação presente seja totalmente diversa da anterior, mas não é possível negar que o homem brasileiro começa a modificar-se nesse sentido.

Fomos, até bem pouco, um povo de agricultores, vivendo na dependencia immediata dos factores mesologicos, sujeitos aos caprichos do clima e da gleba. O fazendeiro era o patriarcha da nação. A existencia politica e economica do paiz girava em torno d'elle. A vida tranquilla das desmedidas sesmarias, onde se concentrava toda a riqueza nacional, vinha reflectir-se directamente nas agglomerações urbanas, porque das fazendas, sahiram os dirigentes da nacionalidade, os *condottieri* de maior prestigio e influencia. E a lembrança da terra, naturalmente, os acompanha.

Todo o nosso chamado Romantismo foi feito por essa gente rude, mystica e fundamentalmente conservadora, do campo.

A melancolia da floresta, o amollecente perfume das roças, o languor mysterioso dos vastos horizontes, o monotono rumor das aguas impellindo o monjôlo, toda essa concepção idyllica e primitiva das cousas, entrou com alta percentagem para o nosso pensamento.

Hoje, porém, ha profundas modificações na substancia nacional. O brasileiro de escol não é mais "filho de fazendeiro", habituado aos longos silencios do sertão, testemunha dos soffrimentos de uma raça escrava, em cujo leite mamou as primeiras duvidas. E o brasileiro, em synthese, não é mais tambem o exclusivo producto de caldeamentos limitados a tres grupos ethnicos: o indio, o luso e o africano. O italiano, o allemão, o polaco, o espanhol, o russo, o levantino trouxeram outras reservas para a nossa economia. O Brasil industrializou-se, principalmente ao sul, no Rio, em S. Paulo, em Minas, no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande, nos focos mais importantes de imigração estrangeira. Tornou-se a nossa vida, portanto, a mais activa, mais vertiginosa, mais cosmopolita, menos conservadora, em summa.

Essa nova raça, de sangue mais temperado, vencerá o meio cosmico que os nossos maiores conquistaram, mas não puderam dominar, desmentindo, assim os postulados levianos de uma pretensiosa anthropogeographia que nos impunha a fatalidade dos seus dogmas irremediaveis. Demonstra a sciencia moderna que a civilização é uma conquista do homem sobre a natureza. O factor mesologico é mais complexo do que parecia aos continuadores de Demolins ou de Semple. O homem deforma, adapta e modifica o seu "habitat", preparando as realidades necessarias ao seu desenvolvimento social.

Tudo nos ensina, por exemplo, que não devemos desesperar na Amazonia, "embora o deserto, despojando-se do seu manto de verdura, reapareça."

As solidões aggressivas do valle dos Texas, eu as vi convertidas em campos de algodão, de milho e trigo, pelo esforço do norte americano cortando aquelles areiaes moveis de canaes admiravelmente distribuidos, fazendo o resflorestamento de zonas taxadas de safaras, irrigando-as largamente, por meio de calculado processo de açudagem.

Ora, o contingente de coragem equilibrada, de saudavel optimismo que a gente de hoje vae transmittir á de amanhã, é irrecusavel. Somos differentes dos nossos avós e da sua mentalidade, formada em ambiente distincto do nosso. Elles

amigo dos titulos, da anedocta pitoresca e da citação facil. Foram elles que nos herdaram esse enthusiasmo vasio e esse pessimismo radical em relação a tudo quanto se refere ao Brasil. Todas as suas formulas podem resumir-se nestas: Paiz privilegiado mas Paiz perdido. Sua influencia intellectual ainda se manifesta por muitos modos, e a indecisão nefasta dos nossos dirigentes é fruto daquelle therapeutica livresca, daquelle fetichismo do papel impresso que se prolongou até nós. Pagamos, em nossa adolescencia, o imposto da melancholia. Adoramos os idolos terriveis que pesaram sobre a imaginação dos nossos queridos antepassados. Fizemos do mundo um amavel jogo de formas decorativas. Dialogamos com as sombras, nas primeiras luzes da nossa juventude. Philosophamos, com a dôr.

Comprehendemos, porém, que era preciso vencer a natureza pela intelligencia. Cumpre-nos, agora, sem fazer discursos nem profissões de fé, mas observando scientificamente as modificações estructuraes que o meio já imprimiu ao nosso conglomerado ethnico, aproveitar a lição que nos offerece um contacto de quatro seculos com a terra brasileira. A mais urgente consequencia á tirar dessa lição é que, á elite de theoreticos formada pelas necessidades politicas do Imperio, devemos oppôr uma elite de homens praticos. O Brasil não está mais concentrado em duas ou tres cidades, onde um punhado de senhores de terras governava e ditava regras. Os centros industriaes, agricolas e commerciaes crearam, em largas zonas do nosso territorio, fôcos de cultura humana, que, cedo, irradiarão por todo o paiz.

O homem moderno no Brasil está farto do artificio da nossa existencia social. Elle vem de um povo pobre, que vive frugalmente, as mais das vezes sem cultura elementar. O homem moderno do Brasil vê que não temos escolas, nem universidades, nem sequer, o aparelho rudimentar de mediocre instrucção primaria e professional. Tudo, entre nós, tem sido uma romantica improvisação.

Está ahí porque toda essa arte de madrigalismo e sonetismo precioso, de vae-dades inuteis, repugna á sua intelligencia virgem e barbara.

Elle quer que o artista lhe fale numa linguagem clara e lhe traduza os sentimentos impetuosos, as ambições energicas, a alegria de viver e dominar as cousas. Não é possivel ainda, entre nós, uma arte de medida e convenção. Não encontramos, felizmente, o nosso "preconceito esthetico." Lidamos com um material informe e desmesurado, jogamos com todos os problemas de um povo que se está formando. Precisamos disciplinar a nossa intelligencia pelo estudo directo do Brasil. E porventura crear uma arte, livre de quaesquer preconceitos, que reflecta o nosso tumulto nacional, não é disciplinar a nossa intelligencia, pondo-a em contacto com as forças motrizes do nosso ambiente?

Será possivel, deante de tudo isso, que fiquemos atrelados a artinhas poeticas, feitas por menestreis e fradalhões, para uma sociedade polida pelo prazer desinteressado e pelo goso das horas desoccupadas? E' justo que continuemos a construir casas Luiz XVI, atulando-as de tapeçarias Aubuisson, de moveis Francisco I, Rocalho ou Imperio? E' plausivel que os nossos quadros de cavalete e os nossos paineis decorativos repitam a receita galante do Boulevard St. Germain? Renovemos, portanto, o material das nossas casas, porque é nellas que se forma o nosso espirito, a nossa alma e nosso corpo. A casa de brasileiro deve reflectir a vida do brasileiro, vida de simplicidade, trabalho e honradez.

O homem moderno do Brasil quer viver a realidade do seu momento. Nós não vamos á Europa em caravellas nem arrebetamos dez cavallos para chegar a S. Paulo. Materialmente todos os homens vivem na sua época. O que é necessario é que o espirito viva tambem nella.

Ser moderno não é esquecer o passado. Ninguem pôde esquecer o passado, porque o passado, em si, não existe, pois, a realidade é continua. O espirito

que pára, fricciona artificialmente essa realidade, e não cria, mas repete formulas sem significação.

Quem não admira o genio grego, ou o genio romano? Mas, se algum dille-tante greco-romano quizesse impor á sociedade moderna, além das odes pinda-ricas e dos hexametros virgilianos, as concepções que fizeram a grandeza politi-ca de Roma ou Athenas, quantos minutos viveria fóra da penitenciaría?

Ninguém pôde voltar atraz. Por isso, toda a imitação é infecunda.

Sob o ponto de vista estheticó, a civilização antiga foi a civilização do pala-cio e do templo, do aqueducto e do circo, a civilização da pedra. A civilização moderno é a civilização da machina, a civilização do aço, do petroleo e do ferro. O homem que inventou a machina não tem a mentalidade do seu antepassado. Aquelle faz do tempo uma idéa de poupança, este uma idéa de desperdicio.

A machina, baseada na economia da força, é uma coordenação de planos que se conjugam para certas resistencias e determinados movimentos. E' uma synthese de energia.

Cada uma de suas peças existe em função das demais. Ella aproveita a materia prima, e a obra que produz é o resultado de um rendimento exacto, cal-culado e previsto, sem gastos inuteis.

A imaginação do artista moderno reflecte, como é natural, todas essas acqui-sições da experiencia humana. Funciona como verdadeira machina.

Reduz a natureza a um schema e, pela formação da materia prima que lhe fornece a realidade, cria a obra de arte. O homem livre moderno, ao contrario do escravo e do servo no mundo antigo e medieval, não pôde perder tempo com a sciencia minuciosa do pormenor decorativo. O operario é igual ao architecto, e ambos são eguaes ao proprietario que os paga. O poeta de hoje não é o bufão do pequenino tyranno feudal, nem o pintor é lacaió do Rei. O artista moderno, pois, é senhor, do seu rithmo e como o rithmo da vida contemporanea é violen-to e largo, elle tem que reproduzil-o, sob pena de desaparecer.

Isso, entretanto, não quer dizer que o artista moderno despreze a disciplina da experiencia accumulada pelo passado. Seria pueril affirmar-o.

Basta considerar, por exemplo, uma das tendencias predominantes da arte moderna, para ver como cubistas, dadaistas, futuristas e modernistas sem credo dogmatico, estão por outros motivos servindo-se de um processo usado antes até da idade classica. Refiro-me aos schemas, ás simplificações ideograficas em-pregada não só na estatuaría e na pintura, mas na escripta de varios poetas con-temporaneos.

Tome-se, por exemplo, um kuros do VI seculo A. C., com a sua cabeça triangular e o seu corpo rectangular, e compare-o com uma esculptura de Mes-trovic ou Ernesto Wenck. O sentimento é diverso, mas o processo é semelhante.

O artista moderno do Brasil não despresa o passado, mas tem horror áquel-les que tentam prolongal-o inutilmente. Resistindo a todas as seducções da glo-ria facil, aos proveitos que lhe traria um conformismo resignado, elle diz ao jo-vem brasileiro de amanhã:

— Accusam-me do inimigo da tradição, da ordem e do methodo. Mas quem está com a razão? Eu, que desejo uma arte livre, que represente o tumulto das nossas forças em ascensão, ou os que se esterilizam na copia disfarçada e pre-judicial dos Fr. Heitor Pinto, dos Sá de Miranda, dos d'Anunzio, dos France, dos Renan, dos Verlaine e dos Samain, os que não veem que a imaginação crea-dora prepara as realidades do futuro? Qual é essa ordem tão invocada contra mim? A do mastaba egypcio, a do templo grego, a da cathedral gotica, a da pa-lhoça guarani, a da pyramide azteca? Que é ordem, em arte? E' uma pura ca-tegoria metaphysica, e, pois, variavel, conforme a interpretação a que fomos determinados. Ordem não quer dizer realidade, nem proporção, nem medida.



nem bom gosto, nem bom senso, nem o bello, em summa. E porque? E' facil responder com a propria historia do homem. Se ordem exprimisse "realidade" e arte exprimisse "ordem", as tres categorias se confundiriam numa só, o que seria a negação de todas. O conceito de ordem é relativo, eis o que nos mostram as bases da esthetica.

Dentro de um mesmo paiz e de uma mesma raça, elle varia profundamente. O grego voluptuoso dos jogos milesianos não é aquelle grego sobrio da Lacedemonia.

O guerreiro brutal, de Homero, não é o mesmo guerreiro mordaz, de Luciano. A ordem de um é differente da do outro, embora fossem iguaes as condições mesologicas de ambos. Se ordem indicasse proporção, com que ficariamos: com o Parthenão ou com a Notre-Dame?

O templo grego, feito para uma cidade pequena e para uma raça amiga dos contornos luminosos, das linhas rectas, das superficeis nitidas, recebeu, naturalmente, proporções distinctas da cathedral da Ilha de França. O polytheismo realista desenvolveu-se no sentido das formas sobrias, o christianismo mystico rodeou-se de gargulas, chimeras e monstros orientaes. Se aceitassemos uma ordem pre-estabelecida condemnariamos o Parthenão ou a Cathedral. Com os dous é que não poderiamos ficar, por um vulgar principio de logica.

— Se ordem fosse "medida" e "bom gosto" a tragedia de Shakespeare, livre e tumultuosa, sem regras de rethorica, sem preconceitos de vocabulario, sem normas de estilo, seria inferior, certamente, á tragedia grammatical de Scudéry ou de Calprenède, onde as tres leis da unidade scenica brilham em todo o seu esplendor.

Deante do "Combate dos Centauros e dos Lapithos", da escola de Phidias, como justificariamos o "Combate dos Centauros e dos Lapithos", de Miguel Angelo? Deante da Venus de Gni, como explicariamos o Christo de Donatello, o Balzac, de Rodin, o Herakles, de Bourdelle, ou a paternidade, de Mestrovic?

— Se ordem fosse "bom senso", isto é, o respeito ás convenções, aos postulados invariaveis, como admirar simultaneamente, por exemplo, o verso alexandrino de Racine e o de Victor Hugo, ou o de Verlaine, ou ainda o de Verhaeren? Entre o canto gregoriano, baseado em combinação de sons largos e bréves, reunidos em mestros multiplos, e a polyphonia, com os seus rithmos aggrupados em rigorosas medidas, entre a notação neumatica do primeiro e a notação proporcional do segundo, onde iriamos ajustar o "bom senso" da ordem musical?

— Se ordem fosse simplesmente o bello, como distinguiria a obra de arte, entre o desenho maravilhoso de Ingres e o desenho rispido e secco de Grego entre o colorido temperado de Delacroix e o colorido primario de Matisse, Leger ou Picasso? Cada obra de arte revela, portanto, uma ordem. Cada artista é uma formula nova do Universo.

— Accusam-me de inimigo da nossa tradição literaria. Mas qual é a nossa tradição literaria?

A dos tempos coloniaes, que foi uma replica do arcadismo portuguez, espanhol ou italiano? A dos romanticos, que imitaram Cooper, Victor-Hugo, Musset, Byron e Spronceda? A dos parnasianos, que se inspiraram nos "Poemes Barbares", nos "Trophées", no "Intermezzo", de Heine, nos "Nocturnos", de Gonçalves Crespo? A dos symbolistas, que foram buscar nas "Fêtes Galantes", no "Chaviot d'Or", nas "Vies Encloses", nas "Serres Chaudes", os seus motivos preferidos?

— A obra dos nossos maiores é digna de respeito, mas a dos que hoje forem continual-a passivamente, sem attentar nos seus vicios fundamentaes, de-

ve morrer. A reforma que eu prégo não é precioso capricho literario, em que a substituição dos idolos esgota o programma. Não tenho idolos, tenho idéas. Não quero honrarias nem recompensas, quero entregar, nas tuas mãos firmes e ageis, o material com que construirás a tua patria immensa, liberta de todos os temores.

— Joven de amanhã, não procures um estylo, nem uma formula, nem uma theoria. Vive o teu instante, transforma-o na tua emoção creadora, que é á tua razão de ser. Vive, como exclamou Graça Aranha, o poema da aspiração. Domina a materia pela intelligencia pela alegria pura da intelligencia. Levanta, para o futuro, a tua cidade clara, de pedra de cimento e de aço, vigorosa, simples, num jogo de volumes solidos. Vê a vida do teu paiz e do teu continente.

Olha para essa America vertiginosa, cheia de minas, de fabricas, de portos entusiasmados, de uma continúa multidão de raças que se entrechocam. Varre da tua imaginação todas essas mythologias, todos esses deuses ephemeros que nada mais representam, todos os prejuizos de uma remota humanidade que não é mais a tua.

A tua humanidade não está no artificialismo dos salões, está no turbilhão de todas essas forças virgens que preparam a realidade de um mundo novo, no gaucho, que laça o toro nos pampas, no mineiro que tira o ouro, o petroleo e as pedrarias da terra, no vaqueiro que vara os sertões vestido de couro, no operario que apruma as vigas dos arranhacéos, na celeuma de todos esses homens do Baltico, do Rheno, dos Carpathos, do Guadalquivir, do Minho, do Adriatico, do Bosphoro que trazem, para a nossa America, a violenta aventura das suas imaginações.

— Joven de manhã, a tua vontade livre, será o milagre do Brasil.

---

## Casa Confucio

Confucio Abdon & Cia.

Fayanças - Porcellanas - Chrystaes das principaes Fabricas do  
Mundo = Representantes das principaes fabricas de objetos de artes,  
Rua Chile, 11 — | — Telep. 1808

# A arte na habitação moderna

---

---

(CONFERENCIA NO CURSO ANGELA VARGAS)

OCTAVIO RIBEIRO DA CUNHA

Minhas Senhoras, meus Senhores, prezadas collegas:

A Arte na habitação envolve, antes de tudo, um assumpto de architectura; a architectura, por sua vez, decorre de um systema constructivo; a este se acha ligado, em relações directas, um vocabulario dissonante, composto de pedras, cal, saibro, telhas e cimento, o qual, pronunciado neste recinto, constituiria extravagante attentado ao ambiente, onde permanece, accumulado, o thesouro de vibrações das vozes privilegiadas, atravez das quaes o rithmo dos versos dos nossos melhores poetas e a harmonia da prosa dos nossos mais perfeitos escriptores se manifestam em sua essencia maravilhosa.

Eis o raciocinio que me levou, deante da ordem irrecusavel de D. Angela Vargas Barboza Vianna, ao remorso previo de semelhante profanação.

Mas se, por um lado, taes considerações me conduziam ao desanimo, por outro, a imaginação me transportava, antecipadamente, a situação em que me encontro. Sentia e via, deante de mim, tal qual o vejo, este mesmo auditorio e notava que, em sua maioria, estava elle representado pelo *sexo fraco*, emquanto que o *sexo fraquissimo*, principalmente depois da perda do bigode, se encontrava em grupo reduzido. Uma idéa animadora accudiu-me, então: Nada havia a temer quanto á aridez do assumpto. Achava-me commodamente entre collegas! E, por associação de ideias, lembrava-me de que todos os architectos são accordes em reconhecer o valor da collaboração feminina, representada pela experiencia da dona de casa, sempre de grande efficacia comprovada, não só para o fim de melhorar a esthetica e a commodidade das habitações, como tambem algumas vezes, no sentido de perturbal-as...

Mas não é exclusivamente por esta observação limitada que as mulheres podem considerar-se constructoras. Tambem sob o ponto de vista geral ellas constroem muito mais do que os homens. As mulheres são as senhoras da Imaginação e a Imaginação tem sido a maior constructora do Universo. Basta fechar os olhos e invocal-a! Quantos castellos!... castellos na areia, como diria o Olegario... na areia de Copacabana, que é farofa, segundo a opinião de Hermes Fontes...

Porém, melhor reflectindo, noto que esta ultima citação não vem a proposito, uma vez que fallavamos das mulheres... a não ser que ella se referisse, particularmente, ás mulheres do Peru' que, aliás, não são mais farofeiras que as suas irmãs do Continente...

Eis ahi, em preambulo, a razão de me achar a ponto de vos expor ideias sobre a architectura doméstica, com a consciencia plena de que vou invadir seára alheia, e visando unicamente a recompensa do perdão daquellas cujas opiniões sejam, sem intenção, contrarias ás minhas.

Que é a habitação? Que é o lar? E' o ambiente material, dentro do qual mais frequentemente nos encontramos; cuja visão, por sua continuidade, com maior nitidez se fixa em nossa retina; cuja lembrança mais nos encanta e attrae, porque a ella se associam as imagens das pessoas e das cousas que mais amamos. Esta definição, como todas as boas definições, applica-se a todos os casos, mesmo ao daquelles individuos, reconhecidos como tendo "horror ao telhado de casa", o que parece dizer que o seu lar é de construcção extremamente simples e economica; a habitação ao ar livre, com aproveitamento das fachadas das casas alheias para paredes interiores...

Esta questão da permanencia e da continuidade das imagens visuaes tem a sua importancia. A nossa percepção do mundo exterior faz-se atravez dos sentidos, e principalmente pelo sentido da visão. A consequencia mais preciosa da vista é a noção da distancia. A visão á distancia nos transporta de um local a outro, enquanto o nosso corpo permanece immovel; ella dilata o raio de acção do nosso eu, exterioriza a alma, dá-lhe pleno movimento e plena liberdade, independentes do seu suporte material. A memoria, completa este dom inestimavel. Para a memoria visual não ha distancias nem tempo; ella retém a nossa vida atravez do passado, dentro de nós mesmos, e faz reviver, numa concentração miraculosa de alguns instantes, annos e annos de existencia.

Sendo assim, é pelo sentido da visão e por sua consequencia natural, a memoria visual, que estabelecemos uma ligação permanente entre a vida e os objectos que nos cercam, incorporando-nos, por assim dizer, ao mundo physico em que vivemos. A nossa felicidade, que depende das impressões recebidas do mundo exterior, nada mais é do que a manifestação da harmonia segundo a qual esse accôrdo se realiza. Para que ella exista é necessario que exista identidade de ritmos entre nós e as pessoas ou objectos que nos rodeiam.

Mas, se tudo quanto se acha em contacto connosco deve vibrar com o nosso sentimento, que dizer da nossa casa?

De um modo geral um edificio deve ser a manifestação concreta do modo pelo qual elle realiza a sua função. A casa deve estar sempre de accôrdo com o temperamento do habitante e com todas as condições de sua vida. E' preciso não esquecer que a physionomia da casa influe, ao mesmo tempo, sobre o morai, a alegria e consequentemente, a felicidade de seus habitantes.

Ha casas cujo aspecto infunde tristeza; outras possuem ar pretencioso; como as pessoas ellas são capazes de inspirar s̄mpathias ou antipathias, prova de que, além de sua existencia material, cada uma dellas possui uma alma: a alma que o architecto lhe imprimiu durante a elaboracção do seu projecto.

Ao architecto cabe, pois, a função delicada de estabelecer a harmonia perfeita entre os individuos e o seu lar.

A' organização de um projecto de casa deve preceder um estudo de psychologia.

O architecto já é, de um modo geral, o educador da matéria, o disciplinador do mundo physico, para que, da natureza inanimada que lhe é entregue, surja, em belleza, a vida silenciosa das formas immoveis.

Ao influxo de sua vontade a pedra rude passa a fallar por suas formas geometricas ou plasticas; a madeira, morta para a vida das florestas, em que expandiu o caule exuberante, vae viver a vida definitiva dos esforços interiores ou mostrar através da fina epiderme dos vernizes a trama esplendida de suas fibras cohesas; os metaes distendem a musculatura vigorosa no amago das vigas de cimento armado ou ostentam, inteiramente livres seus novos corpos de formas esguias.

E dessa animação de todas as cousas, transmutadas para o mesmo destino, surge o conjuncto do edificio desempenhando o duplo fim de belleza e utilidade.

Como consequencia do encadeiamento deste raciocinio chegamos a uma questão capital:

Se a casa deve estar de accôrdo com a vida e o temperamento do habitante, como fixar o seu estylo?

Antes de responder, vejamos como se pôde definir o *estylo* em architectura.

O estylo é o conjuncto de caracteres constructivos e estheticos dos edificios de uma época, desde que esses caracteres se manifestam por forma generalizada e definitiva. A formação dos estylos depende, em primeiro lugar do homem e de seu tempo, isto é, dos conhecimentos technicos de construcção, dos costumes dos povos, das influencias moraes que os dominam; em segundo lugar, depende dos recursos do meio, da natureza local, das especies dos materiaes capazes de serem empregados na arte de construir.

Por conseguinte, nenhuma arte pôde ser creada ou rediviva por vontade exclusiva de um homem ou de um grupo de homens.

As causas que determinaram os estylos architectonicos de cada paiz não foram de civilização, perante os quaes os homens são apenas instrumentos da execução de ideias decorrentes do mundo intellectual, com base no sentimento ou na sciencia.

As causas que determinaram os estylos architectonicos de cada paiz não foram a simples vontade dos artistas de cada época.

Esses artistas agiram, ao contrario, impulsionados pelas condições do meio, o qual lhes impunha, de um lado os *programmas* dos edificios, traduzindo as necessidades de cada povo, de outro lado as condições da technica de construir e da natureza dos materiaes de que dispunham os architectos. E esses estylos variaram por tal forma no passado, de um local a outro, pela simples razão do isolamento de cada paiz em relação aos outros, isolamento que permittiu o desenvolvimento de civilizações predominantes por épocas e por zonas gerando apogeus de arte regionaes e caracteristicos.

No mundo moderno as communicações fáceis, o intercambio scientifico e artistico que permite a cada povo a utilização quasi immediata dos conhecimentos de todos os outros, deram em resultado a uniformização das condições de vida de todos os paizes e, como symptoma parcial, a uniformização das artes, e, particularmente, da architectura.

Esse phenomeno naturalissimo, que nenhuma força humana pôde impedir, porque resulta de leis naturaes, não deve alarmar os nossos artistas ao ponto de pretenderem alguns delles, aliás de grande valor, corrigir artificialmente a ausencia de um *estýlo brasileiro*, que não pôde existir, forçando a implantação nova de um velho estýlo, o *colonial*, que, se na época do Brasil em formação, constituiu um estagio de arte e satisfez ás necessidades e aos costumes primitivos dos habitantes do paiz, transplantado hoje para o nosso meio, não representará mais que um enxerto de planta morta em planta viva, uma retrogradação voluntaria de conhecimentos de construcção e de hygiene dos edificios, defeitos que exigem, para serem sanados, uma remodelação completa do pseudo-estýlo que assim perde o character e fica reduzido a um simples conjuncto de formas decorativas, de valor artistico rudimentar.

Guardemos com toda a veneração a arte do Brasil embryonario, tão pouco poupada nas nossas modernizações extravagantes e agora, mais que nunca, ameaçada em suas tradições por essa corrente *neo-colonial*, que, em breve, pela vulgarização a fará sahir das mãos dos verdadeiros artistas que hoje a aconselham com sinceridade. Então o *estýlo colonial*, do dizer de Bastos Tigre, passará a *estýlo calumniado*...

Demais a obediencia integral aos estýlos não obriga a applical-os até ao extremo dos detalhes? Parece que sim. Aqui mesmo, temos o exemplo recente do novo edificio da Camara, onde Deodoro e Benjamin Constant fôram forçados a vestir tunica afim de que o rigor da architectura fôsse mantido.

Por deferencia ao colonial, que diriam as nossas donas de casa do emprego do *pilão de café* em suas cosinhas?

E que, esforços de economia de tempo deveriam realizar as nossas elegantes para a chegada ao theatro, prevendo o longo percurso do seu palanquim?

A não ser que o neo-colonial inventasse os *neo-palanquins* a gazolina...

São exemplos que mostram o contrasenso dos estýlos de épocas remotas transplantados para a vida moderna.

Como reminiscencias do emprego do estýlo colonial só comprehendemos o uso da *agua de Colonia*...

Guardemos as reliquias dos nossos antepassados como fontes de estudo, indispensaveis ao conhecimento de nossa evolução artistica. Reunamol-as em colleções nos museus ou nesses templos de arte retrospectiva que são as residencias dos nossos raros colleccionadores por cujo esforço, tem sido possivel salvar da dispersão e do exodo uma parte das preciosidades da arte colonial. A religião do Passado tem seus templos deante dos quaes devemos nos ajoelhar constrictos.

Não é evidentemente, contra elles que nos insurgimos, mas apenas contra o arremedo do passado, o ridiculo da sua modernização grotesca, a falsificação das qualidades intrinsecas da cultura de uma época sagrada, porque representa o ambiente dos mortos.

Nosso protesto visa apenas o contrasenso da criação de um passado de fabricação moderna, enquanto as verdadeiras obras de arte retrospectiva, que são avaramente guardadas entre todos os povos, vão sendo deturpadas ou destruidas.

A Allemanha guarda ainda a casa de Alberto Dürer, com todos os seus moveis, inclusive as prateleiras da cosinha com suas panellas... Entre nós é o que se sabe: onde o Morro do Castello com suas reliquias? E o terraço do Passeio Publico? E os seus portões confundidos por accrescimos da actualidade? E o chafariz da Carioca em desarrumação?

Respeitemos o passado. Mas respeitando-o, deixemos aos artistas actuaes a liberdade de sua intelligencia. Não queiramos entrar por artificios o desenvolvimento de uma arte que não póde permanecer estacionaria. Se tudo tem o direito de progredir, porque apenas a architectura deve retrogradar, quando o seu estudo se torna cada vez mais profundo?

E' certamente pesando os erros e as qualidades dos estylos primitivos, e não submettendo-se a elles servilmente, que o architecto moderno póde adquirir o criterio pelo qual creará uma arte espontanea, racional, *actualista* no sentido mais amplo do termo.

O emprego generalizado dos estylos ou simplesmente dos generos ou detalhes architectonicos tem ainda o inconveniente de produzir a monotonia do aspecto e dar logar ao desenvolvimento dos *estylos de moda, de propaganda, de imitação e dos epidemicos*.

Todos nos recordamos daquela pandemia de oca amarella, lançada por imitação de uma bella casa de Copacabana, muito interessante se houvesse ficado em um exemplo unico. Mas os copistas, nella presentindo um *novo estylo*, inundaram o Rio de argamassa cór de ferrugem. E o bairro mais inundado por esse aspecto ferruginoso não foi, como deveria ter sido, o de Aguas Ferreas...

No momento actual, por influencia da *America da Avenida* que são os cinemas, e das revistas americanas, estamos sob o regimen epidemico dos *Bungalows*.

Verdade seja que tudo quanto é casa moderna, simples e de pé direito reduzido é chamado de bungalow. Ora, um dos caracteristicos do bungalow americano é o predominio, em dimensões, das linhas horizontaes sobre as verticaes.

Além disso, as suas plantas derivam do quadrado; as suas coberturas afogam as fachadas, quasi com o mesmo cuidado com que os chapéos de agora fazem de aparecer sob as suas calotas a metade da belleza dos rostos femininos, deixando ainda, na outra metade, o sufficiente para governar o mundo...

No entanto, são communs em Copacabana, tanto os bungalows de quatro metros de frente, como os de tres andares, uns e outros plantados em terrenos de seis metros...

Em alguns delles ha salas que cabem nas despensas das casas communs, e ha janellas pelas quaes não passa uma cabelleira... ou, melhor, uma *descabelleira á la garçonne*...

Um outro estylo que tambem nos afflige é o *das prestações*. Naturalmente os seus principaes caracteristicos são os da architectura turca. Por outro lado surgem agora, nas proximidades do Theatro Municipal, umas construcções de genero americano, que, por sua vez, tem grande analogia com as nossas *casas de maribondos*, o que nos leva, prudentemente a não mexer com ellas...

Por conseguinte, se nos devemos afastar do classico, com maior velocidade devemos fugir do *extravagante*, do *disconnexo*, do *exotico*, do *futurista*. Estes generos conduzem as fachadas, pelo menos, á apparencia de bolos de confeitaria. A base de todos elles é a confusão ou o fingimento. E uma das condições indispensaveis á Arte é a condição da verdade.

Assim afastadas das habitações as estruturas monumentaes, solennes ou embrutecidas, que estariam, na maioria dos casos, em desharmonia com a vida intima dos habitantes, aqui, mais do que em qualquer caso, deve ser seguido o preceito da sobriedade de decoração.

Este é um dos caracteristicos da architectura moderna:

A decoração deve limitar-se aos pontos dominantes do conjuncto, e é a escultura que vem prestar nesse momento um auxilio precioso na estylisação de motivos novos.

Por outro lado os elementos que contribuem para a decoração, desempenhando ao mesmo tempo uma funcção de utilidade, possuem já por esse facto um character de belleza. Taes são as varandas, indispensaveis no nosso clima; as coberturas em balanção, servindo de orgãos de protecção; os balcões salientes, etc.

Nos bordos dos telhados as calhas trabalhadas com arte, tambem desempenham uma funcção util e decorativa; póde dizer-se o mesmo das *marquises*, quando bem applicadas, assim como dos *bowindows*, com a condição de adaptal-os ao nosso clima, dando-lhes dispositivos de abertura ampla e, não apenas transplantando-os por copia das construcções de paizes frios.

A par de todos esses elementos o character moderno das fachadas manifesta-se, algumas vezes, pelo emprego do aspecto rustico das argamassas de cimento, trabalhadas a colher, a desempenamento parcial, a lançamento directo, a vassoura, a pente, a garfo, a sacco, etc., e applicadas aos pannos de parede, enquanto as molduras finamente trabalhadas, destacam-se, por contraste de acabamento, sobre o fundo rugoso das grandes massas. Outros elementos, tambem modernos, são as pedras artificiaes de base de cimento branco e fragmentos de marmores ou de areias coloridas; algumas vezes essas pedras são constituídas por camadas superpostas para serem trabalhadas por desbastamento, á maneira dos camafeus; os grez coloridos, as terra-cottas, os tijolos esmaltados ou compactos, os azulejos em paineis ou frisos, como no Pavilhão da Inglaterra, na Exposição do Centenario, etc. Finalmente, a *ornamentação viva*, as plantas e flores naturaes.



Os bairros novos das cidades européas, em que a arte moderna exerceu sua influencia, possuem ruas inteiras em que a ornamentação floral-viva empresta ás fachadas o aspecto de verdadeiros jardins verticaes. Nessas construcções, predominantes na Belgica, na Suissa e na Allemanha, por assim dizer, toda a decoraçáo de alvenaria foi banida; aqui e alli uma moldura simples, algumas curvas, e os balcões cobertos de flôres. E' de um aspecto risonho e vivo, de uma belleza original e animada.

No Rio esse typo de construcção já se acha applicado em grande escala. Falta-lhe, no emtanto, a continuidade para o effeito de conjuncto; e, á parte, evidentemente, grande numero de excepções, sobra-lhe a abundancia de outros elementos decorativos. A decoraçáo floral exige simplicidade absoluta no aspecto das alvenarias. Estas preparam-se de modo expontaneo como complemento daquella, sem sobrecarga de outros ornatos supplementares.

As habitações particulares, mesmo as mais pobres, podem participar desse novo elemento de belleza. Basta que nellas exista a animaçáo de uma graça feminina, transformada em amor pelas suas irmãs em belleza...

Estes jardins suspensos são tanto mais uteis entre nós, quanto escasseiam, cada vez mais, os terrenos para o cultivo das flôres. As nossas grandes chacaras esphacelam-se em pequenos lotes de terreno; as suas velhas e magestosas arvores vão sendo totalmente sacrificadas para darem lugar ás construcções em massa. A cidade, nos seus bairros de habitaçáo já construidos, vae deixando de ser um conjuncto de edificações isoladas por grandes terrenos para assumir o aspecto de uma construcção unica.

E' commum o caso dos edificios que a observaçáo popular, sempre pitoresca e justa, denominou de *perú no pires*.

Pena é que assim seja. O jardim desempenha, além de uma funcção hygienica, uma funcção de esthetica.

A casa e o jardim se completam; dependem um do outro, de modo a constituir um todo harmonico. Os seus caracteristicos, taes como a forma, a simplicidade ou a riqueza, o typo regular francez, o accidentado e imprevisto dos jardins inglezes ou a sobria amplitude dos jardins-parques dos americanos, devem ser uma consequencia do local, da paisagem e do typo da construcção.

O jardim estabelece a transiçáo da obra do homem para a obra da natureza; é a parte em que ambos trabalham juntos; em que, de alguma sorte, fica patente que a construcção surgiu da terra por um esforço humano. O jardim é a communhão da belleza artificial produzida pela intelligencia do homem e a belleza espontanea da Creação.

Mas não é apenas a esthetica do exterior da casa que nos interessa e sim, tambem, a belleza e a commodidade do seu interior. A vida moderna exige na habitaçáo, mais do que na riqueza, o conforto e facilidade do serviço. As donas de casa lutam hoje com difficuldades, cada vez maiores, em relaçaó a criada-gem. Ao architecto cumpre, na medida do possivel, attenuar essas difficuldades,

prevendo uma boa distribuição interna da casa e de seus detalhes. O principio basico para a subdivisão do interior de uma habitação é o da independencia entre as tres categorias de suas divisões: compartimentos de recepção, de habitação e de serviço. As ligações entre estes tres grupos devem ser as estritamente necessarias. Quantas contrariedades não podem provir de uma côpa mal collocada, de uma sala de jantar por onde se faz o serviço dos quartos, de uma cozinha que se descobre logo ao entrar pela porta da rua? E que dizer das escadas, o ponto fraco da maioria dos projectos? Os dois maiores pesadelos das escadas mal feitas são, por caprichosa coincidência, os dois grandes símbolos da alegria e da tristeza: os pianos e os caixões de defunto. São communs no Rio as entradas dos pianos pelas janellas das casas e tambem commum a necessidade da retirada previa do corrimão das escadas para facilitar a passagem dos caixões.

Os mestres de obras optimistas e economicos só costumam contar com os inquilinos vivos. A commodidade dos mortos só no cemiterio!

Entre os exemplares de escadas mal feitas existe o de um predio em Copacabana que celebrizou-se como quebra-cabeças dos incautos que o visitam, em seu segundo pavimento, com a intenção de alugar-o. O resultado inevitavel desta intenção de alugar-o, é o gallo... na testa.

A escada deve, por taes razões ser lançada em salas amplas, no *hall* moderno, modificado para o nosso clima, arejado e claro, abrindo para o jardim, e substituindo a acanhada sala de espera que, nas pequenas casas, não tem razão de ser.

O *hall* evita o uso permanente da sala de jantar como logar de reunião e recepção, e serve ao mesmo tempo como sala de leitura. Por outro lado elle estabelece a ligação perfeita entre as salas que o cercam e, atravez de suas largas portas, permite o golpe de vista geral que transforma, mesmo as pequenas casas, em uma grande sala continua.

Relativamente á decoração interior, a arte moderna segue os mesmos principios de sobriedade e tende a eliminar tudo quanto não desempenha funcção de utilidade.

Um dos seus caracteristicos mais importantes é o mobiliario fixado ás paredes, com a sua collocação previamente determinada, fazendo parte integrante da decoração mural.

A pintura decorativa moderna tem recursos para bellissimos effeitos.

Os moveis praticos, hygienicos, de linhas firmes e de arestas vivas, os stores claros, os mosaicos de madeira, os linoleos de côres uniformes e não essas horriveis imitações de tapete, os ladrilhos artisticos, tornaram a habitação moderna a expressão do bem estar, da saude e da alegria de viver.

Alguns dispositivos de detalhes devem prender a nossa attenção, por darem logar a vicios de construcção facilmente evitaveis e, todavia, communs.

Assim as vantagens decorrentes dos pés direitos reduzidos a 3m são evidentes: hÿgiene, esthetica e economia.

Ha, no entanto, uma condição indispensavel: a de elevar o mais possivel, a altura das janellas.

As gregas de forro, aquellas molduras perfuradas, á *jour*, como se diz em linguagem feminina, molduras que são collocadas á volta dos tectos, têm todos os inconvenientes. Não ventilam como parece á primeira vista, e só servem para dar guarida a toda a classe dos indesejaveis domesticos: aranhas, baratas, lagartixas e fumaça da cozinha. Taes *gregas* são verdadeiros presentes de gregos.

As *bandeiras* das portas interiores dos quartos são incommodas e anti-estheticas. Poucos architectos, *os ultimos bandeirantes*, as empregam.

Os alçapões de entrada para o forro, só em ultimo caso, devem ser collocados no banheiro. Conta-se o caso de um bombeiro que tendo subido ao forro de uma casa para concertar a calha, ficou por longo tempo, moralmente preso e a suar em bica, pelo facto de haver começado nessa occasião o banho da dona da casa que ignorava a presença do pobre homem, de quem todos infelizmente se haviam esquecido...

Prezadas collegas! Eu vos trouxe, por alguns momentos, da transparencia do vosso sonho para a opaca realidade das minhas construcções materiaes...

Perdoae-me e continuae a edificar, sobre a areia da fantasia, no mundo em que os vossos olhos são os sóes, aquelles castellos maravilhosos!

A sua execução exige ambiente de espiritualidade: Eu cedo o meu logar ás portadoras da Belleza e da Poesia... E com ellas, senhoras e senhores, tereis o primeiro minuto desta deliciosa "Hora de Primavera".



**OCULOS e PINCE-NEZ**  
 Para qualquer defeito da vista.  
 Exactamente os que o seu medico receita.

Temos officinas para compôr ou ajustar oculos e pince-nez sem perda de tempo. Pedidos do interior são attendidos immediatamente.

**LUTZ, FERRANDO & C. L.**

O u v i d o r, 88

# DUAS PALAVRAS SOBRE O FEMINISMO

(CONFERENCIA NO CURSO ANGELA VARGAS)

TOBIAS MOSCOSO

Convidando-me a falar na sua casa, que ella tanto honra pelo trabalho sem desfallecimento e a virtude sem jaça, a dama gentil que dirige este curso deu-me tão grande distincção que, desde logo, me senti obrigado a discorrer de assumpto que lhe andasse á altura do merito singular. Os muitos encargos por que ora tenho dividida a actividade e, com ella, a mesma vida, muito me roubaram do tempo que eu devera consagrar ao preparo da presente palestra, para trazel-a em termos de a mim mesmo satisfazer e a vós alliviar o justo e natural enfado.

Não consegui nem uma cousa nem a outra.

Perdoe-me, pois, o auditorio as falhas, senões, deslises e peccados do que lhe vou dizer e que, longe de ser uma conferencia, não passa de duas palavras sobre o feminismo, doutrina que a illustre dona desta casa pratica com tanta e tão louvavel elevação.

Não sei si é por moderação ou indiferença que, na nossa terra, se fazem entre flores reformas profundas de instituições e que largas conquistas liberaes, em vez de se arrancarem no torvelinho das revoluções, quasi insensivelmente se alcançam, por transição sem violencia, entre o que hontem era e o que já hoje passou a ser. Assim tambem, problemas sociaes que, no Velho Mundo e na America do Norte, agitam a opinião, tão pouco ruido fazem entre nós que nem siquer parece que existem. Está neste caso o feminismo, que, entretanto, occupa e preoccupa os espiritos da gente barbada e da gente de saias mais do que, á primeira vista, se julgaria. Deus, em sua santa gloria e sabedoria infinita, nos conserve, para resolver tão seria questão, o feitio accomodado do nosso temperamento.

Ainda que soturno, o feminismo existe, nesta terra de Santa Cruz, e, ás vezes, dá signal de vida, por algumas attitudes e palavras indiscretas, que não deixam de ter graça. Nem é materia de novidade, que só agora tenha sido trazida de fóra por gente amiga de importação de material revolucionario. As creaturas de malicia, como eu, não precisam de andar á procura de assumpto, para ter o que dizer, a respeito. Porque o feminismo, sem duvida, nasceu naquelle dia memoravel em que, no Paraizo Terrestre, a mais celebre das nossas avoengas resolveu desattender ao regulamento divino e, cedendo á gula, arrastou para o desterro o innocente consorte. Desde ahi até as façanhas da truculenta senhora Pankhurst, a cujas arruaças a policia britannica pôz cobro, recorrendo ao convincente "argumentum baculinum", o feminismo tem resistido ás fórmulas mais variadas, como tambem se tem apresentado sob faces que vão desde o mais suave até o mais tragico, desde o sublime até o ridiculo. O facto é que a emancipação definitiva da mulher está quasi em termos de se poder considerar entre as realidades mais concretas deste mundo.

Nem todas as fórmulas dessa propaganda, entretanto, possuem o dom de convencer, nem todas se esteiam na conveniencia dos meios e na justiça da argumentação. Paixões e impulsos são, neste particular, moveis mais usados do que o raciocinio.

Se os feministas, em face da imponente questão, sempre examinassem factos e circumstancias com serenidade, dando ao estudo o austero rigor da indagação scientifica, estou certo de que ao sexo gentil estariam asseguradas já na communhão social, pela letra das leis e a pratica dos costumes, prerogativas melhores do que as alcançadas. Notae que não digo maiores, senão melhores: a questão não é quantitativa, porém de qualidade. Mas, em vez de submetterem o problema a inquerito minudente

que conduza a conclusões amadurecidas pelo bom senso, muitos apóstolos — e, sobretudo, apóstolas — do feminismo admittem premissas puramente abstractas, filhas de preconceitos, divorciadas da realidade: os corollarios, dado esse vicio de origem, são naturalmente falsos e fazem, pelo erro de onde vêm e o erro a que chegam, que muita gente, tome a nuvem por Juno. Além disto, não falta quem, com arreganhos rompantes ou destemperada linguagem, aggrida os homens e lese, provocando riso, a excellencia da causa, quando, entretanto, graças ao poder de uma convicção quotidiana, feita com a brandura dominadora que a verdade pôde ter, se venceriam facilmente os mais empedernidos estorvos da rotina. "Une idée", pondera Le Bon, "dénudée de soutien affectif ou mystique n'exerce aucune action. Elle est un fantôme sans prestige, sans durée et sans force".

Essa maneira absurda dos maus apóstolos contraria e desanima os propagandistas sensatos, para quem o feminismo não consiste em levar ao pelourinho o homem, dizendo delle cousas feias, nem em querer que systematicamente o possa substituir ou supplantar a mulher nos postos da acção e do pensamento, postos em que ha quem julgue que elle pretende egoisticamente ficar só, gosando de um privilegio indefensavel. Para taes propagandistas da boa razão, solver o problema é encontrar uma combinação, tão perfeita quanto possivel das capacidades femininas, preciosas e inegaveis, com as virtudes masculinas, que, modestia á parte, não são poucas nem ficticias. A lucta, que se pretende ver, assenta na erradissima hypothese de que nos dois sexos ha as mesmas capacidades, levadas ao mesmo gráo. Isto importa desconhecer a natureza, as patentes differenças physiologicas e as diversidades psychologicas, umas flagrantes, outras subtis, sobrepondo-lhes o capricho de uma falsa doutrina igualitaria. Ainda ha dias, em duas notaveis conferencias realizadas na Escola Polytechnica, os professores Miguel Osorio e Juliano Moreira mostraram, com argumentos hauridos da observação, a diversidade da percepção e das aptidões scientificas que existem entre o homem e a mulher. O desconhecimento desta circumstancia leva, muitas vezes, as gentis representantes do sexo feminino a pretender situações e direitos politicos, de que os homens desfructam e que só elles mesmos sabem como seria bom perder, entregando-os ás suas estimaveis e ingenuas disputantes. Seria, na verdade, minhas Senhoras, um presente de Gregos...

Ninguem talvez conseguiu tão bem trazer a questão do feminismo aos justos termos em que se deve ella firmar como a admiravel pensadora que é Ellen Key. Em obras de sabedoria, combateu a erudita escandinava o aspero feminismo que, no seu paiz e alhures, entende abrir o dissidio entre os dois sexos, confundindo-lhes os papéis. Mostrou o erro que importa a guerra á maternidade, o disparate de estabelcer a competição absoluta, em todas as profissões e esferas de acção entre o homem e a mulher, substituidos nella os sentimentos e actos proprios do seu sexo por outros, postichos e emprestados, que só se quadram e se explicam no varão. Não negou e, ao contrario, defendeu, para a mulher, o direito a innumeradas conquistas liberaes, mas fez-lhe ver que nunca deverá abstrahir a sua condição feminina, que não se oppõe á do sexo contrario e antes em tudo com elle se harmonisa.

O que de mais bello existe na escola de Ellen Key é justamente o principio em que ella cuida essencial que a mulher perceba a sua victoria e dominio estável: o amor, um amor elevado, sem fantasmagorias ou platonismos vãos, um amor humano e nobre, que não satisfaça apenas o instincto, mas vise o alto objecto da eugenia, o melhoramento continuo da raça. Vê-se bem que o ensinamento da eminente pensadora sueca não pôde agradar a certas feministas, cuja doutrina contrafazendo á mulher o feitio natural, tende de facto, para um verdadeiro "masculismo", cujo supremo ideal é afugentar o pequenino Cupido para que elle parta, de vez, desanimado, carregando tristemente o carcaz inutil, cheio de todas as inuteis settas. Felizmente, o mundo é bem feito e do trefego rapaz, como se conta na velha canção, sempre se

Em opposição aos conceitos salutaes de Ellen Key, ha uma collecção de fórmas concretas, e mesmo excessivamente concretas, a que o falso feminismo recorre, para gaudío da patuléa e sorriso da gente fina. São os clubs onde o homem não póde entrar, siquer como visita ou por metaphora, as ligas cujo lemma é o isolamento desse perigoso animal, os gremios em que se resolve, com bravura, a extincção da odiosa preponderancia masculina e as ululantes arrancadas com que massas de senhoras zangadas querem, a pulso e a grito, a outorga immediata das concessões em atrazo.

Poderia alguém levar a serio as famigeradas suffragistas, sahindo para a praça publica, de punhos cerrados, para obter os famosos "votos for women" ou as impertigadas milicianas que, sob as ordens austeras de uma velha professora feminista, desfilaram, não ha muito tempo, em avanços marciaes, pelas ruas destas cidade, divertindo a multidão?

Santo Deus! Ou eu me engano, redondamente ou taes exhibições de entremez só compromettem o objecto desejado... Porque, de facto, a revolução das mulheres é sublime unicamente para meia duzia das que a proclamam. Para as mais, é tentativa que as deixa indifferentes ou vagamente tocadas de ridiculo. E toda gente, ante o espectáculo de um punhado de "sans jupons", que, imitação pouco assustadora dos temiveis "sans culottes" marcham, impavidas, para derrocar uma Bastilha imaginaria, é, sem o querer levada a recordar as peripecias comicas da "lystrata", com que a veia satyrica de Aristophanes enriqueceu o patrimonio literario do nosso bom humor.

Homem e mulher completam-se, nas aptidões, que se não confundem. Si no curso das civilisações, não houve, até hoje, exacta correspondencia entre a harmonia das capacidades naturaes de um e da outra e a repartição dos papeis que devem representar na vida, a realidade é que para lá caminhamos fatalmente. E agora, bem depressa. Não poderia chegar a tanto a antiguidade classica, turbada pelas continuas guerras, educada no culto da força physica, e em principios de ethica, a que faltava a cordura, que só a moral christã poude, a muito custo, disciplinar nos espiritos. A mulher, simples presa de outras eras, não passava, então, de méro accessorio na vida do homem, objecto de gozo e de ornato. A propria matrona romana tinha a acção e pensamento constringidos bem severamente pelos estatutos legaes e os preconceitos da sociedade em que vivia. Tão pouco os escuros dez seculos da idade media poderiam favorecer o advento de uma participação, em que cada um dos sexos se conferisse o quinhão mais conveniente de encargos e galardões. A dura organização social dos barbaros, o desamor da civilização que Roma diffundira no mundo, o desprezo das bellezas naturaes e da educação esthetica, substituida pelos scismares de um misticismo grosseiro; a ausencia de cultura que permittisse a justa interpretação dos preconceitos christãos, impedindo desvios do estreito fanatismo; as guerras exhaustivas e mesquinhas guerrilhas que devastavam reinos e feudos, a degradação geral do gosto e da intelligencia — tudo foi, sem duvida, entrave a que a mulher lograsse o reconhecimento dos seus meritos.

O Renascimento, abrindo, de novo, os olhos dos homens ás letras, derrubando preconceitos, aclarando uma concepção larga e optimista da vida, foi para a mulher, como para tudo o que é bello e nobre, um paladino sem igual, a cujos triumphos os pensadores da Encyclopedia e os soldados da Revolução abriram, depois, o caminho para a igualdade civil, dos sexos, reconhecida em pura these e já, em grande parte conquistada. De então para cá, as innumeradas conquistas que a causa feminina veio alcançando, são resultados de uma evolução liberal, patrocinada por grandes homens, de mãos dadas a mulheres illustres, pela marcha natural das razões em que se apoia o exito das mais altas idéas, marcha que nenhum capricho de potentado póde retardar siquer.

A mulher attinge o que deve e se lhe deve, serenamente, elevando-se, dignificando-se pelo saber, mercê da educação. Confunde-se, muita vez, instruir com educar, coisas, entretanto, immensamente diversas. Alguem soube exprimir, em poucas palavras, a differença, onde cabe um mundo inteiro: "Instrue quem quer, mas só educa quem pôde". E, no caso da mulher, certamente mais que no homem, a distincção é capital.

Nunca bastaria á mulher instruir-se. Só pelo filtro da educação, orientada de accordo com as condições peculiares ao sexo, a redempção feminina se ha de fazer. Convençam-se disto as ambiciosas dos direitos politicos e dessa gloria de mandar a que o épico lusitano chamou cubiça vã. A historia o mostra, em lições impereciveis. E' melhor, sem duvida, ser Aspasia e, pelo saber, presidir, através de Pericles, ao periodo aureo de Athenas do que ser Cleopatra e, fiada da belleza fallaz, ver naufragarem, com as pouposas galeras, o throno, o prestigio, a alegria e a coragem de viver. Para creaturas assim, que aspiram o dominio soberano, ha a resposta do philosopho a quem perguntaram que sexo preferia ver no throno, governando. O philosopho não hesitou em declarar que pouco lhe importava a questão, visto que, estivesse o solio entregue a quem quer que fosse, a nação, afinal, sempre ficaria sujeita a uma mulher... Tambem, por outro lado, se conta que o cardial Mazarino não occultava o receio de que, postas na regencia das nações, as mulheres facilmente se deixassem conduzir por homenzinhos incapazes de fiscalizar siquer, num quintalêjo, uma simples duzia de gallinhas... Pura phrase, talvez, em que só tem valor a graça da pilheria.

Mas é claro que as justas reivindicações femininas não pôdem girar em torno dessa ambição de que ao sexo gracioso se reserve a missão de dirigir os povos, ostensivamente ou ás occultas. Nem Aspacias, nem Cleopatras, são modelos que se invejem. Cornelias, isso, sim; Eponinas, muito bem; e, quando coroadas, Catharinas, na energia constructiva, ou Izabellas, menos rainhas do que santas.

Para ser a collaboradora do homem, nem a cupidez do mando inspire a mulher, nem o desprezo das cousas sérias a transforme num dos muitos manequins que diariamente perpassam sobre os passeios da Avenida e disperdiçam o tempo nas mil futilidades com que uma falsa civilisação se julga no requinte do bom gosto e da elegancia.

Certo, alguem me dirá que nem todas as mulheres terão feitiço para uma grande instrucção, em que fulgurem. Responderei que é principalmente para as medianas que tem utilidade e educação, em que entra o poderem contentar-se com a dóse de saber adequada á sua intelligencia, posses e circumstancias. Porém, quer as mais illustres, quer as menos versadas, ganham muito com o guardarem, nas lindes da modestia, virtude que nunca é demasia, o que sabem. Nada desmerece mais o prestimo da propaganda feminista que a verbiagem affectada das sabichonas, pintadas, com tanta fidelidade, pelo genio de Molière. Os tres seculos que separam de nós as Preciosas ridiculas, não lhes fizeram mozza: ellas ahi estão, nas "Bas bleus" dos nossos dias, cuja superlativa parolagem é um deserviço á causa feminista com que o pedantismo de saias escurece os beneficios da instrucção. Felizmente, esses casos de affectação, em verdade são bem raros, e, hoje em dia, entre nós, a esperta Francisca d'Aubigné, que tanto pelo sexo pugnou aliás, não teria razão para affirmar, como outrora o fez: "Les femmes ne savent jamais qu'à demi, et le peu qu'elles savent les rendent fières, d'indignes, causeuses et dégoûtées des choses solides."

Eis porque á mulher cumpre, sobretudo, educar-se, isto é casar os fructos da instrucção ás excellencias do character e do bom senso, para que, ao envéz de erigir o saber em motivo de vã gloria, se aproveite d'elle, ao contrario, com simplicidade, para ser util a si mesma e a toda a gente, trabalhando, certamente como lh'o consintam a competencia, o gosto e as circumstancias extranhas á vontade, mas effectivamente trabalhando e não malbaratando o tempo, riqueza que não volta.

Ora, aqui, está afinal, o mais solido factor da grande propaganda. O trabalho, sob todas as fórmãs, é o vehiculo do respeito, a que o homem se curva para conceder á mulher a igualdade nos direitos. Quem não póde ser a senhora de Stael ou a de Sévigné, Ellen Key ou Maria Amalia, Rosa Bonheur ou Julia Lopes, Jorge Sand ou Margarida Fuller, Maria Curie ou Annita Garibaldi, Joanna D'Arc ou Edith Cavel, logrando fama e esplendor nas letras, na sciencia, nas artes, na defeza do seu paiz ou no martyrio heroico, nem, por isso, um só instante deixe de se elevar, na honra bemdita do trabalho, que é protheiforme, infinitamente variavel e accessivel em todos os campos ao braço e á intelligencia da mulher.

Ha uma coisa, a que os homens prestam muito seria attenção; a somma, cada dia mais elevada, de honrados, efficazes, beneficos esforços, com que as mulheres contribuem para conduzir a sociedade, pelo caminho do trabalho. E' com respeitosa alegria que elles saudam as suas companheiras de labor, que penetram os humbraes das escolas, dos hospitaes, dos asylos, das officinas e escriptorios, semeando o saber, levando o conforto, cooperando nos inventos, multiplicando os productos da industria, investigando a sciencia, enriquecendo, enfim, o cabedal de onde a humanidade tira o alimento, a lição e o socego. A grande guerra, de que a pouco sahimos, enormemente aproximou os dois sexos na reciproca estima, revelando, pelo trabalho feminino, o mundo de concessões a que têm direitos as mulheres. O que agora se passou nada mais é que a repetição, em gráo maior, do que occorrera em outras guerras memoraveis e, muito especialmente, na de Seccessão dos Estados Unidos. Como consequencia, já a legislação, entre nós e no estrangeiro, dispõe, no sentido de pôr a salvo novas e largas vantagens, em favor das creaturas que, parecendo, embora, dependentes de nós, são, de facto, quem, com sagaz habilidade, manda neste mundo, dispondo de tudo e de todos...

Disto tendes vós certeza, minhas ouvintes gentis e de bom senso, que rendeis aos pobres dos homens a merecida justiça. O que fazeis e deveis fazer é acompanhá-los, com o mais vivo interesse, nos estudos, em que se elles instruem, nas obras de quilate, em que se illustram, ou na labuta obscura, em que muitos humildes e modestos, mourejam deixando a vida e ganhando o pão. Zelai a casa commum, pondo-lhe alinhó sem arrebique, ornato sem pompa e, sobretudo, criando nella um ambiente de agrado, em que entrem, partes iguaes, os recreios da intelligencia, as afvuras da honestidade, e o agasalho do carinho.

Que nessa casa, cada recanto desperte um daquelles sentimentos delicados, para os quaes ha sempre agradecimento, embora mudo, cuja recordação é perfume que, com o correr do tempo, mais se aviva. Quando nos homens desfalleça a coragem, de que tanto carecem para vencer a canseira da vida, trazei-lhes a amphora sagrada do vosso coração, onde elles hão de beber o novo alento para proseguir, cheios de fé e de esperanza. Aprendei, nos livros que forem escriptos para o nosso aperfeiçoamento, as verdades que os vossos proprios olhos não lograram descobrir e ajudade-nos a descobrir as bellezas de que está cheia a terra inteira; e, quando a noite vier, depois de um dia em que tenhaes contribuido com o vosso trabalho para algum bem, que a vós e a outros favoreça, reuni, em torno á mesa, os homens da vossa casa, fatigados, talvez, mais do que vós, e lêde-lhes os trechos em que a vossa intelligencia educada ou o vosso coração sensivel, tenham encontrado mais sabor e prazimento. Ou, sinão narrae-lhes, simplesmente, o que fizeste de util nas horas de que houverdes disposto e que só deverão ser contadas pelas obras a que tiverem servido.

Olhae para o homem como um companheiro amigo, com quem deveis partilhar as alegrias e os dissabores, indo com elle até onde vos permittam, sob a lampada bem accessa de educação, o descortino intellectual e as finuras do sentimento.

E estou certo de que assim fareis a mais afortunada, a mais convincente, a



# A DANSA

ANGELA VARGAS BARBOZA VIANNA

A dança moderna me espanta e me escandalisa; não é mais uma arte e sim uma caricatura. Seus movimentos frenéticos, desengonçados e pouco airosos ao invés de contribuir para o desenvolvimento da beleza do corpo humano, amesquinham-no e ridicularizam-no.

Quem não sente arrepios de indignação ou impeto de riso ao vêr se contorcem em atitudes grotescas melindrosas e almofadinhas num "shimmy" desequilibrado, num maxixe puladinho ou num "fôx-trot" humilhante? Humilhante sim, porque imitar o urso nada tem de ennobecedor e muito baixou o nível da ambição humana si considerar o prazer maximo rivalizar com plantigrados pesados.

Devemos escolher para modelo creaturas superiores a nós em beleza, espirito e cerebração; imitemos as estatuas gregas em suas atitudes quasi divinas, inspiremos-nos no colorido surprehendente dos mestres da pintura, na harmonia enternecedora dos musicos, esses grandes iniciados, de que Schuré traça um perfil empolgante e apiedemo-nos dos animaes, tratemo-os com humanidade, mas nunca os imitemos em suas atitudes inferiores.

Dir-se-ia, que um toxico corróe a mentalidade, actual entregando-a com frenesi a folguedos exaggerados, tal a febre de distracção, que se patenteia desde o fim da grande guerra.

Que é a dança? E' uma série de movimentos cadenciados do corpo, feito como exercicio ou passa-tempo e regidos pela musica, é uma arte nobre pois está sujeita a regras.

Ha dansas baixas ou nobres (aquellas, em que o pé não abandona o sólo) e dansas altas ou leves, em que o corpo se eleva no ar. Ha tambem as dansas de expressão ou pantomimas e as dansas de imitação, que sempre foram as menos prezadas pelos povos civilizados.

A dança é tão velha quanto o mundo.

Com seu rythmo está essencialmente ligado ao da musica, foi cantando, sem duvida, que os primeiros homens acompanharam suas dansas primitivas até a descoberta da lyra, da harpa e de outros instrumentos harmoniosos.

A dança teve sempre dois caracteres: o sagrado ou hieratico, que abrilhantava as cerimoniaes religiosas e o profano, destinado aos divertimentos publicos.

Pela Biblia vemos, que a dança era muito usada pelo hebreus. David, dansou deante da arca, o povo de Moysés, após a sahida do Egypto, entregava-se á dansas sagradas e regulares, dansas mysteriosas, que faziam parte do culto. A dança coroa-va as grandes victorias da antiguidade, era uma manifestação nobre de alegria sã.

Os Egypcios tambem cultivaram a dança, que attingio o seu apogêo na Grecia, esse paiz essencialmente artista, a que devemos as maiores manifestações de Belleza. Na Grecia a dança fazia parte da educação nacional, das cerimoniaes solemnes, religiosas ou civis. Os bellos monumentos lembram a extrema variedade e a surprehendente multiplicidade das dansas gregas.

A dança perdeu entre os Romanos seus caracteres de graça e harmonia, seu encanto e sua poesia. Aos Romanos faltavam inspiração e elegancia para cultivar arte tão bella.

Com a invasão dos Barbaros a dança desapareceu completamente para só re-  
viver na Renascença

Os Medicis cultivaram muito a dança, enfeitaram-na de adornos subtis e novos e a côrte de França tambem a honrou.

Na França tiveram soberania por longo tempo a Valsa e a Quadrilha.

Cada povo tem suas dansas particulares, de caracter nacional bem definidos.

Terpsichore foi a personificação da Dansa na Grecia, mas outras divindades tambem a protegiam, taes como as Nymphas, os Faunos, as Bachantes, etc.

As dansas macabras ou dansas dos mortos tiveram origem no XIV Seculo e se realizavam nas egrejas e nos cemiterios; encontramos reminiscencias d'ellas em varios quadros celebres.

Oxalá imitassemos de novo os Gregos, em suas bellas dansas! Si Terpsichore viesse habitar por algum tempo o Brasil e houvesse consigo algumas bellas Nymphas e Sylphydes, que nos fizessem abandodar o "fox-trot" e o "shimmy"?

### Estomago, Fígado, Intestino

Digestões difficéis, gastrites, dór e peso no estomago, vertigens, azia, enterites, hepatites e todas as molestias do aparelho gastro-intestinal curam-se com o **ELIXIR EUPEPTICO** do professor Dr. Benicio de Abreu. — A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Rio e dos Estados. Depositarios: — **Alfredo de Carvalho & C.** — Rua 20 de Abril 16. — Rio de Janeiro. — Em São Paulo: nas principaes drogarias.

# Um conto para creanças

---

## O CALIFA E O PLANTADOR OCTOGENARIO

LATINO COELHO

Ía o califa Arun Ar-Raschid por um campo, onde andava a folgar á caça, quando succedeu passar por pé de um homem já muito velho, que estava a plantar uma nogueirinha.

— Em verdade, bem louco deve ser este homem em estar a plantar agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo vir a gastar dos fructos desta planta.

Indo-se então o califa em direitura ao velho, perguntou-lhe quantos annos tinha.

— Para cima de oitenta — respondeu o velho; mas Deus seja louvado, sinto-me ainda tão robusto e saudavel como se tivesse apenas trinta.

— Sendo assim — redarguiu o califa — quantos pensas tu que ainda has de viver, pois que nessa idade, já tão adiantada, estás a plantar uma arvore que por natureza só daqui a largos annos dará fruto?

— Senhor — disse o velho — tenho grande contentamento em a estar plantando, sem inquirir se serei eu ou outros depois de mim quem lhe colherá os fructos. Assim como nossos paes trabalharam por nos legar as arvores que nós hoje desfructamos, assim é justo que deixemos outras novas, com que nossos filhos e netos venham a utilizar-se. E se hoje nos sustentamos dos fructos do seu trabalho e se foram nossos paes tão cuidadosos do futuro, como havemos de retribuir em desamor aos nossos filhos o que de nossos paes recebemos em carinho e previdencia? Assim, semeia o pae, para que o filho possa vir a colher.

Cairam tão em graça as palavras do ancião no animo generoso do califa, que logo ali foi presenteado com uma bolsa cheia de ouro. Então o velho, depois dos agradecimentos que lhe ditou a sua piedade, tomou argumento para reforçar o que havia pouco dissera, exclamando:

— Quem poderá agora dizer que não foi bem galardoado o meu trabalho de hoje, se esta arvorezinha que eu plantei ha pouco, logo ao primeiro dia me deu fructos sazonados e valiosos?

Tomae d'aqui exemplo, meus meninos, e não vos desgosteis do trabalho que fizerdes, só porque as nogueiras que plantardes vos não possam lisonjear a gulodice logo ao segundo dia de as haverdes enraizado na terra; nem vos tome nunca a tentação de largardes as vossas tarefas uteis, com dizer que os fructos do vosso esforço e trabalho outros os hão de colher, e não vós.

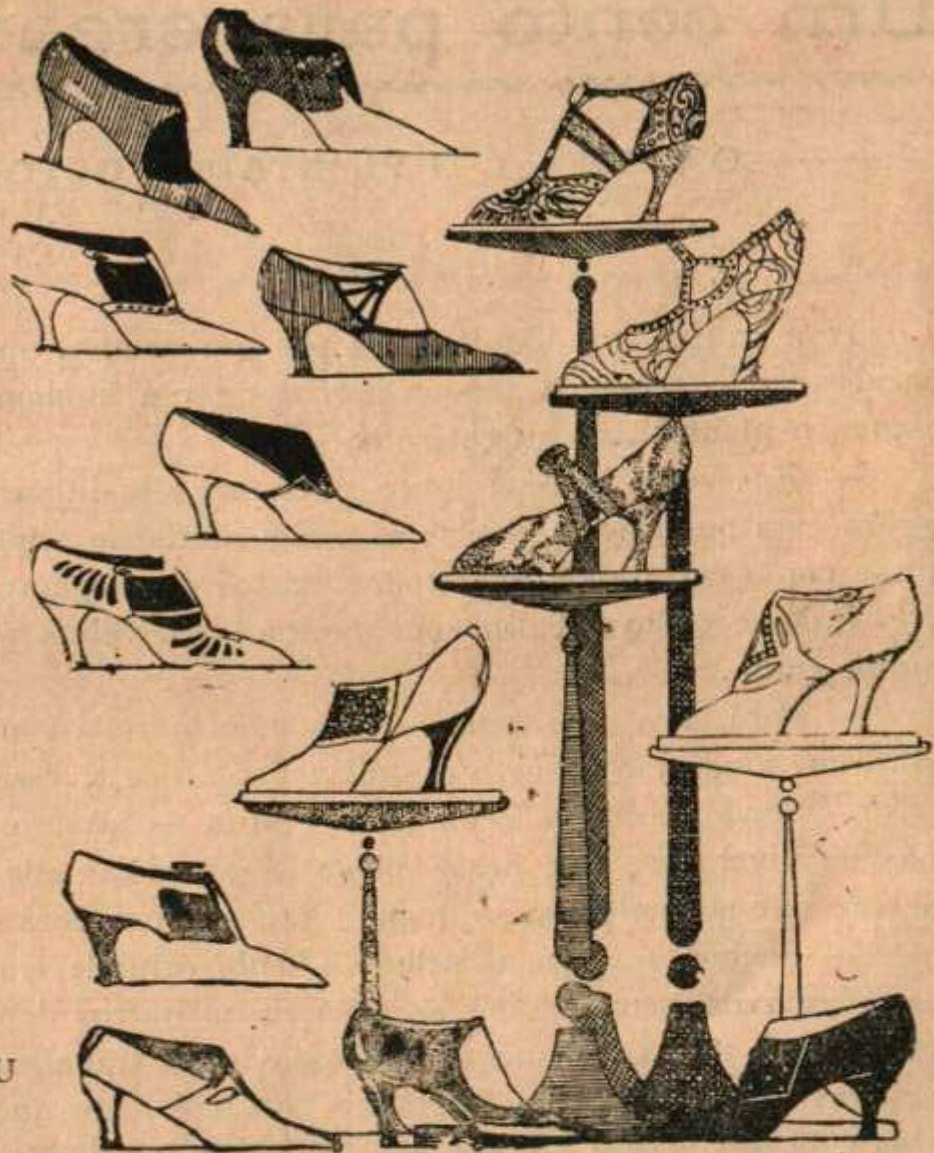
# AMAVEIS

# LEITO-

# RAS



JEANNETTE  
DIDEREAU



Vamos nos entreter um instante sobre a moda actual dos sapatos. Damos, no cliché que orna esta pagina, alguns dos mais recentes e artisticos modelos.

Ha ainda, uns calçados muito graciosos e finos que não figuram nesta estampa: são os trançadinhos á mão, em duas côres.

Vêem-se aqui inteiramente perfurados, pespontados, com applicações, saltos e tirinhas, de couros diversos e alternados, com fivela, sem fivela, com presilha dos mais variados feitios, ou inteiramente lisos. A moda, neste assumpto dá largas á phantasia: tudo que fôr variedade, comtanto que mantenha certa linha de bom gosto e elegancia, é bem acceto.

Ainda vigoram plenamente as fazendas de côr para a noite, e as camurças ou pellica estampadas para o uso diurno.

Não tivemos pretensão de dizer alguma cousa de inedito a esse respeito, nem fazer creações, nem mesmo expôr ideias proprias, pois em nossa terra nunca se pontificou em materia de modas, e nossa sina de carneiros de Panurgio é, a esse respeito, seguir sempre as pegadas da França.

Melhor fariamos, talvez de imitar as americanas do Norte, pelo menos num systema que não varia com as modas: o de usar sempre saltos baixos, ou muito moderados, no bate-pernas diario, e saltos altos apenas á noite para completar «toilettes» finas.

São muito mais elegantes, sem duvida nenhuma, os saltos Luiz XV, que estão voltando a imperar e muito em breve terão plena voga novamente, porém não são nada saudaveis nem hygienicos.



# A ESCOLA NORMAL DAS ALUMNAS

## Lingua Pratica

NAHYDE DE ANCHIETA

Alumna do 2º anno

Nada ha de mais bello, de mais grandioso na vida de um povo, do que a lingua natal.

E, quando, como a nossa, essa lingua é arca preciosa de alfaia soberbas e montões de ouro faiscante, essa grandiosidade passa a ser um cunho que se deve professar com acendrado amor e infinito carinho.

Além de poderoso elemento de propaganda da cultura e da civilização de um povo, a lingua é o mais forte vinculo de connexão para manter a communi-  
dade de uma raça. E' ella a fortaleza inexpugnavel cujas muralhas resistem aos  
mais terriveis embates contra a integridade da nacionalidade. E' ainda e com  
tempo a alma e o cerebro da nação e testemunho eloquente do caracter e dos  
costumes do seu povo,

Lingua portugueza! Lingua unica, inimitavel no mundo! Lingua que so-  
luça os amores de Catharina de Athayde e as queixas dolorosas da linda e in-  
feliz Ignez de Castro!

Lingua onde mais se accentuam os vestigios da rudeza e, depois, da doçura da alma latina, sombria e aspera nos tempos barbarescos impregnados de uma belleza selvagem mas grandiosa, esplendida e poderosa nos tempos adaman-  
tinos da Renascença italiana, essa alma latina tão perfeitamente materializada na doçura ideal das madonas raphaelinas, na poesia nova de Petrarcha, nas télas preciosas de Vinci, que palpita em éstos de paixão ardente na obra immortal de Dante, filho dessa maravilhoça Florença a que chamaram a Bella, suspira ma-  
viosa e dolente nas canções napolitanas e nas que a magia cariciosa de um luar de prata punha na bocca dos gondoleiros nas lagunas venezianas.

E esse legado precioso que tão bem se adaptou ao temperamento dos filhos dessa parte da America, teve a lapidal-o o genio formidavel de Camões que o transformou em diamante esplendido cuja refulgencia de mil facetas offusca todas as pedrarias da terra. Vigorosa de expressão, rica de tonalidades possui amplissimos recursos de vocabulario de modo que se nos depara sempre nova, sem-

pre imprevista, sempre bella: ora é terna, cariciosa, emballadora, e, subtil como perfume, macia como petalas, tem murmurios de prece recitada pelos labios de uma noviça, sob as arcadas sombrias do claustro, outras vezes ha em que, heroica e audaz como a Walkyria soberba, arroja-se impetuosa, num borborinhar infrene com um clangor de batalha. Não sei como admiral-a mais: se cavalleiro altivo de elmo e armadura de aço ou avezita implume num pipilar terno.

Generosa para quem a trata com carinho, prodiga para os que a cultivam, a lingua, formosissima que nos legaram os nossos ancestraes vale bem todo o esforço que se dispende em conhecê-la. Faz-se mistér conserval-a escorreita, castiça, pura como lirio, altiva como trompa guerreira, afim de mantel-a sempre á altura de sua nobre estirpe. E uma pleiade luminosa de estylistas finos, de cultores da rima ou da prosa, entre os quaes avultam por maior brilho os nomes de Olavo Bilac, Ruy Barbosa, Alberto de Oliveira, Affonso Arines, Vicente Carvalho, José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves, tem concorrido ou concorre ainda com as luzes do talento e da erudição para emprestar-lhe mais vivos fulgores.

E cumpre a nós desvendarmos os seus segredos, prescrutar-lhe os arcanos, espicaçar-lhe os meandros e dest'arte teremos bem cumprido com o nosso dever de brasileiros e de patriotas como o aconselha Alberto de Oliveira na sonoridade portentosa de sua musa:

„E com a lingua — lembrae os que leveza e graça  
 Mais lhe deram cantando, e em cujos versos passa,  
 Ora meiga e amorosa, ora triste e infeliz,  
 Ora ousada e sensual, em gritos e queixumes,  
 Cheia de astros e treva e tonta de perfumes  
 A alma deste paiz.

Longe este desamor ou fria indifferença.  
 Hausto mais forte de ar, hausto e mais luz de crença,  
 Dae-o vós a beber, e animo varonil!  
 Recua toda sombra ao sol triumphal que avança...  
 Fazei surgir o sol entre hymnos de esperança,  
 Levantae o Brasil!



# BIBLIOGRAPHIA



A ESCOLA. Julho 1925

Recebemos com o seguinte summario: Arnaldo Barreto. Redacção — Uma lição fóra da escola, George Summer — Serviço de Inspeção Médica Escolar, Octavio Ayres — Alguns termos technicos, Pedro A. Pinto — O Genero e o Numero, Maria Coutinho Amorim — Geographia, Ignacio Amaral — Arithmetica, Mathilde Cirne Bruno — Lições de Coisas, Annacilda de Prado Seixas — O rio e o vento, Theophilo Dias.

## “O LABOR”

Com grande prazer registramos o apparecimento desta interessante revista pedagogica Espiritosantense, dirigida pelo Prof. Dr. Mirabeau Pimentel e que traz o seguinte summario: Hymno ao soldado voluntario, Florentino Avidos; “Labor”; Primeiro Congresso Pedagogico; Reforma orthographica; Discurso; Importancia da Historia; Avareza; O ensino do Latim; Sambaquis; Programmas escolares; A interjeição.

Agradecemos e fazemos votos pela sua prosperidade.

## REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Julho de 1925

Traz o summario seguinte: Tradições populares — Amadeu Amaral; Redempção (Poema), continuação — Luiz Murat; Olavo Bilac: I Olavo Bilac — Augusto de Lima; II Ultima vista — Goulart de Andrade; III A visita do Poeta — Filinto de Almeida; IV Notas e Reminiscencias — Amadeu Amaral; V Um duello interessante.

Homenagem a Machado de Assis: Carta de Joaquim Nabuco; Discurso de Graça Aranha; O carvalho de Zeus — Alberto de Oliveira; A Vespera do Capitolio — Salvador Mendonça; O carvalho de Tasso — Souza Bandeira.

Concursos Literarios de 1924: Recurso de Bastos Tigre e parecer da Comissão Julgadora.

Caxias enamorado e Poeta — Rodrigo Octavio; Auto-Biographia de Tobias Barreto;

Perfis Juvenis — Capistrano de Abreu.

## BRASIL-SOCIAL. Agosto de 1925

O seu summario: A instrucção publica em S. Paulo — Ignacio do Amaral; O Ensino da Literatura, Carlos Porto Carreiro; Linguagem, Maria Amorim; Geographia, Ignacio Amaral; Historia, Olympia do Coutto; Arithmetica, Mathilde Cirne Bruno; Lições de Coisas, Annacilda do Prado Seixas.

## REVISTA THERAPEUTICA

Contem, como os numeros anteriores, um summario interessante e por isto registamos a offerta.

## ROMANCE-JORNAL

E' dirigido pelo Sr. Affonso Schmidt e editado na “A ECLETICA” em S. Paulo. Dentre os bons trabalhos deste orgão citamos A CASA MYSTERIOSA de L. T. MEADE e G. HALIFAX que illustrado com interessante gravura constitue



## ESCOLA NORMAL DO DISTRICTO FEDERAL

### PROMOÇÕES

Foi nomeado cathedratico de Chimica Analytica da Escola Polytechnica o Prof.-substituto Dr. Mario de Paula Brito, docente de Chimica da Escola Normal.

Foi igualmente nomeado para a cadeira de Physica experimental da mesma Escola o Prof.-substituto Dr. Dulcideo de Almeida Pereira docente de Physica da Escola Normal.



Prof. PEDRO DO COUTTO

Foi promovido a Director de Secção na Secretaria do Interior do Ministerio da Justiça o 1º official, actualmente nas funções de Director do Gabinete, do Ministro Dr. João Baptista de Mello e Souza, Docente de Portuguez na Escola Normal.

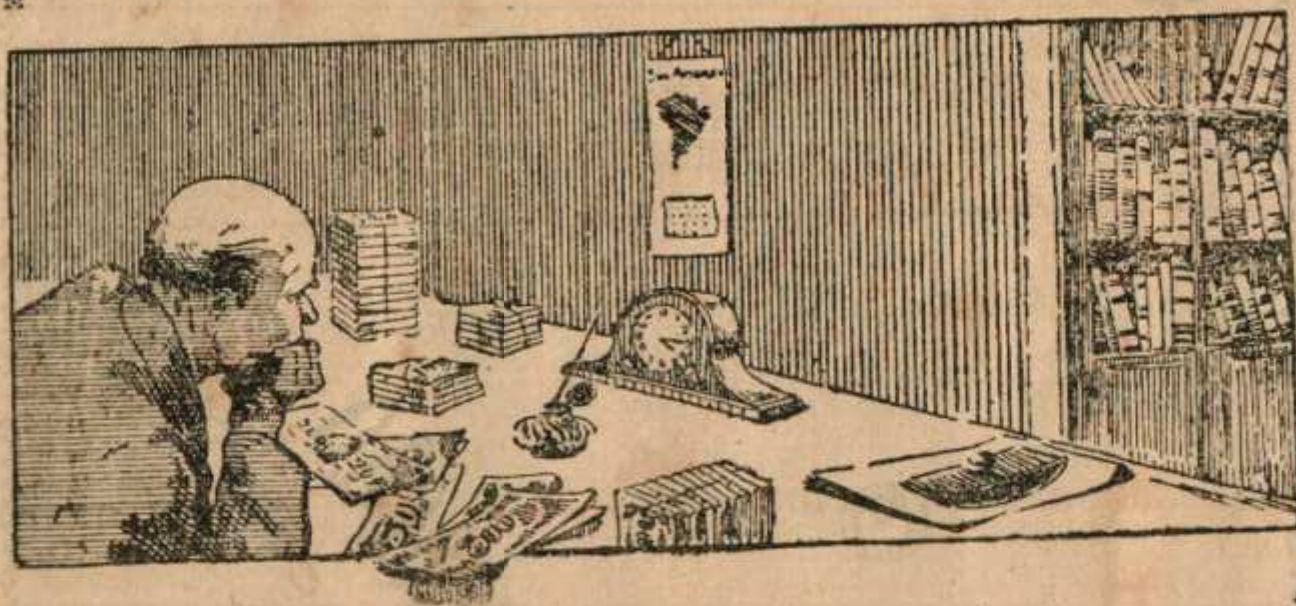
Foi nomeado Cathedratico de Historia do Brasil do Collegio Pedro II, o Professor-substituto Dr. Pedro do Coutto, Docente da mesma disciplina na Escola Normal.

Foi promovido a Professor Cathedratico de Pathologia Cirurgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, o Professor-substituto de Anatomia e Operações Dr. Antonio

Benevides Barbosa Vianna, Cathedratico de Anatomia e Physiologia Humanas da Escola Normal e Director desta revista.

Foi nomeado Cathedratico interino de Mathematica no Collegio Pedro II o Dr. Julio Cezar de Mello e Souza, Docente de Geometria na Escola Normal.





Para que tanta preocupação!

Se podeis guardar vossos valores  
nos cofres fortes da «Sul-America»?

Uma visita visita ao nosso sub-solo vos  
convencerá da necessidade de ad-  
quirirdes um pequeno cofre em nossa

grande e segura casa forte

**“SUL AMERICA”**

**Rua do Ouvidor**  
**(Esquina) de Quitanda**

RIO DE JANEIRO



# Curso Normal de Educação

prepara alumnas para os exames da Escola Normal  
Tambem já se acham funcionando neste curso as aulas

DE  
**DACTILOGRAPHIA**

Directora: **Zenaide Guerreiro**  
(Prof. pela Escola Normal)

**Rua São Christovão n. 23**





Curso de Declamação

# ANGELA VARGAS

Dirigido por Angela Vargas Barbosa Vianna

Diplomada em Paris, no Thdatro Femina

Tendo obtido em concurso publico  
1.º Premio de Drama na Robe Rouge  
de Brioux e 2.º de Tragedia  
em Phêdre de Racine

— 308 —

O curso funciona na Praia de Botafogo 116,  
nas 2.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup> De 2 ás 5 horas da tarde.

Todos os pagamentos são feitos adeantada-  
mente na 1.<sup>a</sup> aula de cada mez.

**PREÇO DE CURSO: 70\$000 MENSAES**

Aulas particulares conforme ajuste prévio.

**JOIA ANNUAL: 30\$000**

Ensino de declamação em Portuguez, Francez,  
Hespanhol e Italiano.

N  
O  
N  
N  
O  
S  
O  
N  
O  
N

**W  
O  
S  
O  
N  
?**

N  
O  
N  
N  
O  
S  
O  
N  
O  
N